

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

**MOEMA CARVALHO MEDEIROS**

**A VOZ DA RESISTÊNCIA EM *MONKEY BEACH*, DE EDEN ROBINSON**

**TERESINA-PI**

**2014**

MOEMA CARVALHO MEDEIROS

**A VOZ DA RESISTÊNCIA EM *MONKEY BEACH*, DE EDEN ROBINSON**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras. Área de Concentração: Literatura, Memória e Cultura, linha de pesquisa: Literatura, memória e Relações de Gênero, sob a orientação da Pr<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria do Socorro Baptista Barbosa.

TERESINA-PI

2014

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

MOEMA CARVALHO MEDEIROS

**A VOZ DA RESISTÊNCIA EM *MONKEY BEACH*, DE EDEN ROBINSON**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Literatura, Memória e Cultura, linha de pesquisa: Literatura, Memória e Relações de Gênero, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria do Socorro Baptista Barbosa.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Socorro Baptista Barbosa – UESPI

---

Examinador Externo: Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Alcione Corrêa Alves - UFPI

---

Examinador Interno: Prfo.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Élio Ferreira de Sousa – UESPI

---

Examinadora Suplente: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raimunda Celestina Mendes da Silva - UESPI

TERESINA -PI

*Dedico essa dissertação a Deus e a meus familiares, que me fizeram acreditar.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida, concedendo-me graças e iluminando meus caminhos.

Agradeço a meu marido Edilson e à minha filha Mahina pelo amor, carinho, força e paciência, que serviram de suporte para que eu não fraquejasse.

A meus pais Mauro e Rêjane por sempre me apoiarem e me mostrarem o caminho certo por onde trilhar. Não posso deixar de agradecer, ainda, a participação especial da minha mãe, sempre disposta a ler meu trabalho e fazer-lhe considerações bastante pertinentes.

Aos meus irmãos Hermano e Gabriel por estarem ao meu lado desde sempre e me servirem de inspiração.

A meus professores, em especial, à minha orientadora Prf.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Baptista Barbosa, pelos ensinamentos e pela disposição em ajudar sempre que preciso.

À coordenação do Mestrado Acadêmico em Letras da UESPI, que nos deu o apoio necessário para a realização das nossas atividades.

Aos meus companheiros de mestrado pelo prazer de suas companhias, pelo companheirismo e pelas amizades sinceras.

Às amigas, Hannah, Silvia e Airna que dispuseram de seu tempo para me ajudar em momentos de atribulações.

## RESUMO

O termo colonialismo se refere à exploração cultural e econômica causada pela expansão europeia, na qual vitimou vários povos dos demais continentes. O forte controle ideológico e social, mantido através do discurso do colonizador, foi e, permanece sendo, uma importante ferramenta de sujeição cultural, pois cria a ideia de inferioridade e subordinação de uma cultura sobre outra. A partir de uma maior conscientização acerca da condição de subalternidade dos sujeitos traspassados pela colonização, movimentos de resistência ganham forma também na luta pela apropriação do discurso. O romance *Monkey Beach*, da escritora Eden Robinson, representa a voz dos povos colonizados frente a uma realidade determinada pela imposição cultural, em um cenário povoado pelos Primeiros Povos canadenses. O romance não só apresenta o dia a dia das famílias aborígenes em suas reservas, mas também problematiza as consequências da assimilação cultural do europeu e dos programas governamentais voltados para os povos autóctones. O embate entre o antigo e o novo, o nativo e o europeu, a assimilação e a preservação cultural permeia o universo da narrativa de *Monkey Beach*, e revela seu caráter de resistência e revide através do discurso construído dentro de um contexto de contradições. Assim, objetiva-se, nesta pesquisa, analisar como são expressos, através das linhas de *Monkey Beach*, os reflexos da ação intervencionista do europeu nas comunidades autóctones do Canadá, e a reação discursiva à assimilação cultural imposta pelo branco. Para melhor fundamentar essa análise, são abordados estudos que versam sobre a literatura e suas relações com o discurso, cultura, pós-colonialismo e com a resistência. Teóricos como, Stuart Hall, Hommi Bhabha, Bill Aschcroft, Michel Foucault, Eduard Said, Édouard Glissant, Hellen Tiffin, entre outros, conduzem os rumos do trabalho proposto.

**Palavras-chave:** Colonialismo. Literatura. Discurso. Cultura. Resistência

## ABSTRACT

Colonialism is a term that refers to the cultural and economic exploitation caused by the European expansion, which victimized lots of people from other continents. The intensive ideological and social control, maintained through the colonizer discourse, was and still is an important tool of cultural submission as it creates an idea of inferiority and subordination of a culture upon another. Since the emergence of a greater awareness towards the subaltern condition of the people who faced the colonization process, resistance movements starts being shaped also in the struggle for the discourse appropriation. *Monkey Beach* by Eden Robinson represents the voice of the colonized people who is immersed in a reality determined by the cultural imposition, in a set settled by the Canadian First Nation peoples. The novel not only presents the every-day lives of the aborigine families in their reserves, but also problematizes the consequences of the European cultural assimilation and the governmental programs created for the native peoples. The conflicts between the old and the new, the native and the European, the cultural assimilation or cultural preservation permeate *Monkey Beach* narrative, and reveal the resistance nature through a discourse built in a context of contradictions. Thus, this work aims to analyze how the reflections of the European interventionist action in the Canadian native communities are expressed in *Monkey Beach*, and the discursive reaction to the cultural assimilation imposed by the white people. In order to substantiate this analyzes, it is used studies that are involved with Literature and its relations to the discourse, culture, Post-colonialism and resistance. Theorists like, Stuart Hall, Hommi Bhabha, Bill Aschcroft, Michel Foucault, Eduard Said, Édouard Glissant, Hellen Tiffin, and others, help to define the path of this work.

**Keywords:** Colonialism. Literature. Culture. Discourse. Resistance

*“But to really understand the old stories, she said, you had to speak Haisla.”*

(Eden Robinson)

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>10</b>
<b>2 ENTRE AS LINHAS DO ROMANCE <i>MONKEY BEACH</i></b>	
2.1 Considerações sobre o enredo.....	15
2.2 Expressão literária dos Primeiros Povos canadenses.....	19
2.3 Eden Robinson e a Crítica.....	23
<b>3 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS NA TECITURA DE <i>MONKEY BEACH</i></b>	
3.1 Literatura e expressão social.....	28
3.2 Nações aborígenes da costa oeste canadense.....	41
3.3 Impactos da colonização nas Primeiras Nações canadenses.....	48
<b>4 OS OUTROS DA RESISTÊNCIA EM <i>MONKEY BEACH</i></b>	
4.1 <i>Monkey Beach</i> , uma narrativa do entre-lugar.....	62
4.2 Escrita e resistência na produção literária Pós-colonial.....	71
4.3 O Discurso Literário e as relações de poder e resistência.....	85
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>96</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>98</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa se reporta aos Estudos Culturais e Pós-Coloniais para analisar as relações existentes entre grupos sociais fortemente marcados pelo processo de colonização. O termo resistência, que se propõe discutir, refere-se àquela praticada por povos cuja cultura, costumes e valores foram gradualmente destituídos em prol da supremacia daqueles que, ao longo da história, julgaram-se superiores e moralmente civilizados.

As abordagens teóricas utilizadas nesse estudo possibilitam um olhar direcionado às condições pelas quais as populações de países colonizados se apresentam no contexto mundial. Os povos outrora colonizados, hoje bastante hibridizados culturalmente, ainda são considerados indivíduos de cultura subalterna pelo paradigma do branco, e se veem obrigados a se adequar ao que é determinado pelo centro, recebendo influências culturais, políticas e econômicas que destituem suas tradições e valores originais. Esse fato gera um sério problema de identificação por parte desses indivíduos junto à nova realidade social adquirida através do contato com o colonizador.

Como a hegemonia discursiva se mantém como prerrogativa do colonizador historicamente, a representação dos povos nativos pelo europeu, em suas narrativas, apresenta-se marcada por estereótipos negativos, contribuindo para a construção de crenças e assertivas responsáveis por depreciar a imagem do indivíduo colonizado, e legitimar a posição de superioridade do europeu. O discurso do poder, dentro do processo de colonização, é fortemente utilizado pelo colonizador, a fim de justificar sua supremacia perante os demais povos.

A partir de uma maior conscientização acerca da condição de subalternidade dos sujeitos traspassados pela colonização, movimentos de resistência ganham forma também na luta pela apropriação do discurso. Teorias no campo das humanidades, discussões acadêmicas e a produção de obras literárias surgem como uma proposta de se repensar os símbolos e as estruturas de representação difundidas pelo discurso do branco europeu ao longo da história. Assim, inicia-se a produção de um contra discurso com vistas a reclamar para si o poder de voz.

Desta forma, vozes silenciadas começam a insurgir, e mesmo em meio a uma série de percalços, fazem-se ouvir. Textos literários, filosóficos, históricos, entre outros, passam a problematizar a questão dos povos nativos e a questionar sua posição de sujeição. A literatura, viés do trabalho proposto, apresenta alguns avanços relacionados à representação do povo e da cultura do colonizado, estes foram sentidos, inicialmente, em meados do século XX. Segundo Bonnici (2007), um dos grandes acontecimentos desse período foi a conscientização dos povos nativos em lutar e resistir ao modelo sócio-cultural padronizado pela elite europeia.

A partir de então, começa-se a perceber o interesse, entre os povos colonizados em redirecionar o olhar dos estudos e das teorias para melhor entender o seu lugar no mundo, suas estruturas sociais, culturais e axiológicas, a fim de restabelecerem suas identidades e se entenderem enquanto sujeitos híbridos. Através das narrativas literárias, é possível visualizar estas questões e questionar certos pressupostos imposto pela cultura do poder. Através das obras de autores não europeus, a realidade, mesmo que ficcionalizada, dos subalternos é representada a partir do seu lugar, recusando a imagem distorcida há muito empregada em narrativas canônicas.

No caso específico dessa pesquisa, procura-se analisar a posição do aborígene canadense enquanto produtor do discurso de resistência. O termo aborígene é usado, no Canadá, para designar a etnia indígena que faz parte da constituição de seu povo. Outros vocábulos como, nativos, índios, Primeiros Povos e Primeiras Nações serão utilizados como sinônimos do termo. Apesar das controvérsias que envolvem os vocábulos “indígena” e “índio”, considerados inapropriados por muitos canadenses pelo fato de se referirem, em inglês, também aos indianos, dando uma ideia de generalização do termo, essas palavras serão usadas, pois a própria Eden Robinson se utiliza delas em sua narrativa e a protagonista se reconhece como tal.

São usadas, ao longo do trabalho proposto, terminologias próprias das teorias Pós-coloniais. Assim, para as categorias colonizador e colonizado se usa os termos centro e periferia, ou ainda centro e margem, respectivamente. As expressões, *subalterno* e *subalternidade* (SPIVAK, 2010) são também utilizadas para se

referirem aos sujeitos colonizados, assim como o termo Outro, iniciado com letra maiúscula, em alusão ao colonizador.

O romance *Monkey Beach*, da escritora Eden Robinson, representa a voz dos povos colonizados frente a uma realidade estabelecida pela imposição cultural. Tem-se, portanto, a história de Lisa Marie, descendente do povo *Haisla*, que sai à procura de seu irmão desaparecido no mar após uma grande tempestade. Em sua busca, Lisa entra em contato com forças sobrenaturais que surgem como um dom herdado de seus ancestrais, mas que a assombra profundamente. Esse fato representa um dos conflitos gerados pela interferência cultural proporcionada pelo contato com o homem branco. A protagonista não entende sua aptidão de ouvir os mortos, nem mesmo seus presságios, e, portanto, segue sua vida buscando respostas.

O romance não só apresenta o dia a dia das famílias aborígenes em suas reservas, mas também problematiza as consequências da assimilação cultural do europeu e dos programas governamentais voltados para os povos das Primeiras Nações. O embate entre o antigo e o novo, o nativo e o europeu, a assimilação e a preservação cultural permeiam o universo da narrativa de *Monkey Beach*, e revela seu caráter de resistência e revide através do discurso construído dentro de um contexto de contradições. O principal objetivo a ser alcançado nesse trabalho é a análise de como são expressos, através das linhas do romance, os reflexos da ação intervencionista do europeu nas comunidades autóctones do Canadá, e a reação discursiva à assimilação cultural imposta pelo branco.

Para melhor fundamentar essa análise, são abordados estudos que versam sobre a literatura e suas relações com o discurso do poder, cultura, pós-colonialismo e com a resistência. Teóricos como, Stuart Hall, Hommi Bhabha, Bill Aschcroft, Michel Foucault, Eduard Said, Édouard Glissant, Hellen Tiffin, entre outros, norteiam os rumos do trabalho proposto. Seus estudos, então, servem de base para as respostas das seguintes questões norteadoras: Como o indivíduo da margem se reconhece dentro do contexto pós-colonial verificado em *Monkey Beach*? Que estratégias discursivas são usadas na escrita literária pós-colonial como reação à assimilação cultural do colonizador, e como estas são expressas na obra? Como podem ser verificadas as relações de poder permeadas pelo discurso, dentro da obra *Monkey Beach*?

Para a melhor compreensão do tema abordado, o trabalho foi dividido em três capítulos: Entre as linhas do romance *Monkey Beach*, Aspectos sócio-históricos na tecitura de *Monkey Beach* e Os outros da Resistência em *Monkey Beach*.

No primeiro capítulo são abordados os aspectos estruturais da obra, assim como considerações sobre a escrita literária aborígine no Canadá. É observado, também, o contexto literário do qual a autora participa, suas influências literárias, premiações, obras e a crítica que as envolvem.

No segundo capítulo, analisa-se o fazer literário dentro do contexto social e como este dialoga com a sociedade no qual se insere. Portanto, com o objetivo de entender melhor a constituição da obra *Monkey Beach*, é apresentada a formação de sociedades aborígenes na costa oeste canadense, tendo como foco o povo Haisla, após o contato com o branco, e sua organização social nos dias de hoje. Tem-se, ainda, a análise dos impactos da colonização nas Primeiras Nações canadenses desde a chegada dos europeus em solo americano, até os programas sociais implementados pelo governo, no sentido de incluir o aborígine na estrutura social do Canadá.

No terceiro capítulo, discute-se a cultura e a identidade no contexto pós-colonial e como estas se encontram difusas e híbridas na pós-modernidade. Esse aspecto é, portanto, observado na conjuntura da obra, enquanto espaço onde as negociações culturais tomam forma. A resistência é outro tema presente nesse capítulo, e a forma como é abordada na escrita e no discurso Pós-colonial. Por fim, tem-se análise do romance sob o viés da resistência discursiva que perpassa a obra na voz do enunciador, e na abordagem de temas e de personagens que representam o revide contra sujeição sociocultural ainda hoje observada como legado da intervenção colonial.

A discussão de temas que envolvem as questões pós-coloniais no meio acadêmico possibilita a desconstrução do modelo teórico literário eurocêntrico, e procura desestruturar a imagem negativa e estereotipada dos povos colonizados. Manter estas discussões vivas e alertas parece de suma importância na busca de uma literatura mais democrática e condizente com a realidade atual.

É nesse sentido que a escolha desse objeto de estudo se justifica: o de contribuir para discussões de temas relacionados ao pós-colonialismo no meio acadêmico, a fim de garantir o espaço que lhe é de direito dentro da literatura; bem

como o de gerar reflexões acerca da sujeição social e cultural sofrida pelos povos colonizados ao longo da história, e as formas de resistência a essa condição, tendo como base a situação do Canadá. Isto se faz com o objetivo de conduzir as sociedades a repensar certos paradigmas impostos por grupos sociais privilegiados sob a justificativa questionável de globalizar a cultura mundial.

## 2 ENTRE AS LINHAS DO ROMANCE *MONKEY BEACH*

### 2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENREDO

*I loved going to Monkey Beach, because you<sup>1</sup> couldn't take a step without crushing seashells, the crunch of your step loud and satisfying. The water was so pure that you could see straight down to the bottom. (ROBINSON, 2000, p.13)*

O romance *Monkey Beach* é narrado em primeira pessoa. Tem-se, portanto, a narradora protagonista Lisamarie que discorre sobre o desaparecimento de seu irmão no meio do oceano, ao mesmo tempo em que apresenta os aspectos culturais de seu povo e as consequências da ação colonial na realidade do aborígine na contemporaneidade. A escrita de *Monkey Beach* é bastante peculiar e subversiva, não só no campo temático e discursivo, mas também no estrutural. O romance não obedece a uma linearidade, os acontecimentos tanto do passado quanto do presente se intercalam sem que haja uma divisão temporal explícita. Apenas o tempo verbal das sentenças situa o leitor em que momento a estória se encontra.

*Monkey Beach* apresenta um cenário conflituoso, em que as fronteiras culturais entre o colonizador e o colonizado se encontram imprecisas, móveis, difusas. Através das linhas do referido romance, vê-se a perspectiva do subalterno, que encontra nelas um local onde sua voz pode ser ouvida, em que novos sentidos sobrepõem crenças e estereótipos estanques. Quando o nativo resolve falar do seu lugar, partindo de suas concepções e valores, existe um redirecionamento das noções de verdade e de saber disseminadas pelo discurso tradicional.

A obra se inicia com o despertar de Lisa, cedo da manhã, com o grasnar de corvos em sua janela, como se emitissem uma mensagem em Haisla, em que dizia: “Vá até o fundo do oceano”. Este fato ocorre um dia após ela e sua família serem informadas do desaparecimento de seu irmão mais novo Jimmy, no meio do oceano.

---

<sup>1</sup> Eu adorava ir à *Monkey Beach*, porque você não podia dar um passo sem pisar em conchas, o som alto que fazia ao pisá-las era recompensador. A água era tão pura que você podia enxergar a areia do mar. (tradução Nossa)

Lisa, bastante atordoada com a suposta mensagem, decide compartilhar com seus pais o que lhe ocorrera. Entretanto, eles não lhe dão a atenção devida, nem neste momento, nem nos próximos eventos místicos e espirituais em que se envolverá.

No mesmo dia, seus pais seguem para o local onde se realizam as buscas por Jimmy, mas Lisa permanece na vila Kitamaat, onde residem. Na companhia de sua tia Edith, ela tenta enfrentar o medo da perda de seu irmão, mas as palavras que lhe foram pronunciadas pelos corvos não lhes saem do pensamento. Inquieta, resolve, então, juntar-se a seus pais em *Namu*<sup>2</sup>, e parte sozinha em uma longa jornada no barco a motor de seu pai, pela costa do Pacífico.

Entretanto, no meio do caminho, Lisa resolve parar em *Monkey Beach*<sup>3</sup>, lugar onde, segundo as lendas locais, habitam os *sasquatches*, criaturas que se assemelham ao que se conhece como pé-grande, meio homem, meio macaco. Lá, Lisa ouve as vozes dos espíritos da floresta chamando-a, oferecendo informações sobre o paradeiro de seu irmão em troca de sangue. Lisa decide, enfim, aceitar o seu dom de se comunicar com os espíritos, e a vivenciar os fenômenos metafísicos que por anos a acompanhavam. Ao se comunicar com os espíritos da floresta, ela faz um corte na mão para que seu sangue jorre. As vozes começam a falar e a tirar-lhe as forças, sugando-lhe o sangue, ela fica bastante enfraquecida e chega a desfalecer. As vozes, então, lhes dizem o que ocorrera a Jimmy. Lisa volta para o barco, mas desmaia na água antes de alcançá-lo. A partir daí, entra na terra dos mortos, consegue ver Mick, seus avós e Jimmy.

Eles interagem como se estivessem vivos, conversam com ela, mas sua avó é a única que compreende o que está acontecendo com a neta. Ela consegue salvar Lisa da morte, fala mais uma vez de seu dom, e que ela precisa ser forte e voltar para seu mundo. Tem-se, neste momento, uma espécie de epifania, em que a essência daquilo que faz parte do mundo espiritual consegue ficar-lhe mais clara. Lisa se encontra em um espaço liminar, nem aqui, nem lá, entre os vivos e os mortos. Lisa, então, acorda na praia ao som do urro de um *sasquatch* e de um barco a motor no meio do oceano, finalizando o romance.

Esse, entretanto, é o percurso cronológico dos acontecimentos que é intercruzado pelas lembranças de Lisa, as quais seguem desde sua infância até o

---

<sup>2</sup> Porto localizado na reserva indígena Bella Bella

<sup>3</sup>Praia do macaco

momento em que seu irmão desaparece. Lisa nasceu e cresceu na reserva Kitamaat com seu irmão Jimmy e seus pais. Ela tem uma infância envolta a fenômenos fantasmagóricos, ouve vozes, sussurros, tem visões e recebe a visita de uma entidade, que ela chama de *little man*,<sup>4</sup> sempre que algo ruim está prestes a acontecer. Mais tarde, Lisa descobre por sua avó, que tem um dom herdado de seus antepassados maternos, e que sua mãe, apesar de não assumir, apresenta a mesma aptidão em se comunicar com entidades de outras dimensões, adquirindo, assim, o dom da premunição.

Lisa cresce se sentindo deslocada, não vai bem na escola, é bastante desafiadora e questionadora e interessa-se por assuntos bem adversos daqueles pertencentes à meninas da sua idade. Aprecia bastante a companhia de seu tio Mick, que vem a falecer precocemente, e de sua avó paterna, que também a deixa muito cedo, causando-lhe um sentimento de dor profunda, e de um sério quadro depressivo. Lisa parece se sentir bem na companhia deles por serem muito ligados à suas tradições e a compreenderem o mundo de uma maneira mais espiritualizada. Toda a reserva parece ter internalizado bem a cultura do branco, mas Lisa, Mick e Gladys, sua avó, reagem, cada um a sua forma, contra a total assimilação.

Na escola, Lisa faz amizade com um grupo de garotos, Frank, Cheese e Pooh. Vive na companhia deles, em meio a muitas brincadeiras ditas de meninos. Na adolescência, apaixonou-se por Frank, sentimento que é correspondido, porém não vivenciam esse sentimento. Essa fase foi bastante conflituosa, pois além de Lisa sofrer bastante as perdas de seu tio e de sua avó, enfrenta a dura realidade da violência sexual inesperadamente infringida por seu amigo pervertido Cheese. Ela passa também pelo dissabor da desilusão amorosa, pois Frank namora outra garota. Por conta disso, ela passa a se aproximar mais de Pooh, com quem tem uma relação sexual consentida.

Aos dezoito anos, Lisa deixa a reserva e vai morar em Vancouver, para a tristeza de seus pais. Conseguir um emprego, mas vive de orgias e bebedeiras, com sérios sintomas de autodestruição. Até que um dia, tem uma visão de sua prima querida Tab, que a faz repensar nos rumos que tomou na vida. Lisa, então, volta para a reserva e é muito bem acolhida por seus pais e, principalmente por seu irmão Jimmy, com quem passa a ter uma amizade cada vez mais próxima.

---

<sup>4</sup> Homenzinho

Ao retornar à reserva, Lisa retoma a sua vida, larga seus vícios e decide voltar a estudar. Acompanha de perto o irmão Jimmy e sua turbulenta relação amorosa com Adelaine, sobrinha de Josh, um amigo bem próximo da família. Jimmy pretende pedi-la em casamento, mas antes, resolve ir ao mar com Josh, em uma pescaria. Lisa estranha a atitude do irmão que nunca se mostrara afeito à pescaria, mas o apoia mesmo assim. Jimmy e Josh nunca mais retornam de sua viagem.

No momento em que Jimmy sai para pescar, Lisa descobre o possível motivo de irmão ter decidido repentinamente ir ao mar com Josh. Através de uma fotografia montada que encontra no bolso do casaco de Jimmy, ela começa a fazer conjecturas e percebe a cadeia de horrores que envolvem Josh e Adelaine. Josh havia sido abusado sexualmente no reformatório no qual frequentara, e da mesma forma agiu com sua sobrinha, engravidando-a. Adelaine não suporta tal situação e aborta a criança, em atitude de desespero.

Não ficou bem claro como Lisa, ao se comunicar com os espíritos da floresta em *Monkey Beach*, descobriu o que houve com Jimmy. Enquanto ela oferecia o seu próprio sangue para os espíritos, crer-se que estes lhe revelaram o que ocorrera. Jimmy comete o assassinato de Josh, pois descobre que ele abusara de Adelaine e a engravidara. Houve uma luta, Jimmy acertou Josh com o remo, mas também danificou o barco com os golpes, que posteriormente naufragou. Fica claro que Jimmy havia planejado tudo, só não contava que também iria sucumbir nas águas do oceano.

## 2.2 EXPRESSÃO LITERÁRIA DOS PRIMEIROS POVOS CANADENSES

*The rain let up just as we got to the mouth<sup>5</sup> of the Kitlope River. Mom leaned over and dipped her hand in the water, then washed her face. After stubbing out his cigarette, Mick did the same.*

*“When you go up the Kitlope”, Mom said, “you be polite and introduce yourself to the water.”*

*I didn’t see the point and said so.*

*“It’s so you can see it with fresh eyes,” Mick said. (ROBINSON, 2000, p.112)*

Antes da chegada dos europeus em solo ameríndio, o que existia entre os povos que aqui habitavam era uma cultura baseada na oralidade. As tradições religiosas, lendas, crenças e eventos históricos propagavam-se de geração em geração através de versos e de estórias contadas, fortalecendo os laços culturais e perpetuando seus costumes e valores. Essa era a linguagem literária própria desses povos, na qual trazia em si toda a carga axiológica e ideológica provenientes desses grupos sociais.

Os europeus trouxeram, para as terras descobertas, a escrita, e com ela a tentativa de explicar as novas experiências vivenciadas no ambiente a ser explorado. Descrições sobre o espaço geográfico, a fauna e a flora determinaram as primeiras impressões formuladas pelos colonizadores que aqui chegaram, somadas a considerações depreciativas acerca dos nativos e de seus costumes. Entende-se, então, que as primeiras linhas escritas sobre os ameríndios e seus traços culturais foram construídas sob a insígnia do poder colonial, ou seja, sob o olhar do Outro.

Tratando da colonização estabelecida em solo americano, Ashcroft *et all* revela que no Canadá e nos Estados Unidos, assim como ocorreu na Austrália e na Nova Zelândia, instituiu-se a chamada colonização de povoamento, constituída,

---

<sup>5</sup> A chuva cessou assim que chegamos à foz do rio Kitlope. Mamãe se debruçou e mergulhou sua mão na água, depois molhou seu rosto. Depois de apagar seu cigarro, Mick fez o mesmo. “Quando você sobe o rio Kitlope,” disse mamãe, “Seja educada e se apresente à água.” Não entendi o motivo e expressei minha dúvida. “É para enxerga-lo com olhos nítidos,” disse Mick. (Tradução Nossa)

principalmente, pelo movimento diaspórico voluntário do branco. As terras “descobertas” passaram a ser ocupadas por colonos, que afugentaram os nativos de seu lugar de origem, e os subjugaram, causando outro deslocamento populacional, com a diferença da marca abusiva da imposição colonial.

In the case of the settler colonies like the United States, Canada<sup>6</sup>, New Zealand and Australia, land was occupied by European colonists who dispossessed and overwhelmed the Indigenous populations. They established a transplanted civilization which eventually secured political independence while retaining a non-Indigenous language. (ASHCROFT *et all*, 2000, p.24)

O idioma europeu foi imposto como modelo ideal a ser seguido, assim como toda a sua estrutura sociocultural. Após a independência política, o paradigma branco-ocidental continuou a manter, insistentemente, a sua supremacia diante das demais manifestações culturais que envolviam as novas nações emancipadas. Entretanto, com o sentimento de nacionalismo aflorando entre os sujeitos partícipes desse contexto, o anseio de se estabelecer a diferença entre o novo e o antigo mundo, no campo da arte, proporcionou produções literárias que tivessem como característica marcante essa questão. Tal fato foi percebido inicialmente a partir da escrita norte americana pós-independência, como forma de garantir ao seu povo uma identidade cultural e nacional própria.

Ashcroft *et all* (2000), por sua vez, revela que o idioma do colonizador comporta uma gama de acepções e ideais metropolitanos, por isso é tão questionado na produção literária de grupos anteriormente colonizados. Com a produção de textos em um idioma comum, a literatura dos países periféricos, nesse período, espelhava-se naquela realizada pelo centro, e, portanto, era considerada de valor duvidoso pelo cânone europeu. A busca por uma autenticidade na escrita das novas nações se encontrava comprometida por se enquadrar naquilo que os europeus acreditavam ser autêntico, dando uma falsa ideia do termo. Assim, a autenticidade dos textos literários só seria possível, então, com sua inautenticidade,

---

<sup>6</sup> No caso das colônias de povoamento, como os Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia e Austrália, a terra foi ocupada por colonizadores europeus que desapropriaram e oprimiram as populações indígenas. Eles estabeleceram uma civilização transplantada que eventualmente garantiu a independência política, mantendo uma linguagem não-indígena. (Tradução Nossa)

com a ruptura temática, estrutural e linguística.

That imperialism results in a profound linguistic alienation is<sup>7</sup> obviously the case in cultures in which a pre-colonial culture is suppressed by military conquest or enslavement. So, for example, an Indian writer like Raja Rao or a Nigerian writer such as Chinua Achebe have needed to transform the language, to use it in a different way in its new context... (ASCHCROFT *et all*, 2000, p.10)

Apesar de Aschcroft *et all* (2000) citar o imperialismo, algo que aconteceu após a colonização do período moderno, as consequências sentidas nas nações subjugadas, nesses dois momentos históricos, possuem pontos em comum, e a alienação cultural é uma das fortes características desses grupos. Entretanto, as produções literárias contemporâneas tem aberto espaço para a expressão cultural das nações periféricas, problematizando, através da arte, questionamentos sobre o lugar do sujeito pós-colonial no mundo.

Quando o “nativo”, que já não é mais o mesmo, apropria-se da língua do Outro e passa a dominar os mecanismos de representação através da linguagem, ele começa a utilizá-la a seu favor, subvertendo preceitos antes inquestionáveis, como o uso do idioma de maneira particular, desordenando a estrutura do texto e trazendo, para o universo literário, temas que fazem parte de suas vivências. A escrita passa a ser de dentro (CUTI, 2010), o nativo se torna sujeito, problematiza e constrói significados.

Abordando de maneira particular os nativos aborígenes canadenses, Rob Appleford (2005), em seu artigo, “*Close, very close, a b’gwus howls*”: *The Contingency of Execution in Eden Robinson’s Monkey Beach*, alega que a escrita de representantes desses povos é considerada, pelos críticos literários, como aquela que revela seus traços culturais, mitos e costumes, para manter viva a memória do seu grupo. Estas produções se encontram, desta forma, intimamente ligadas à natureza e à relação que mantem com o nativo. O escritor é considerado um

---

<sup>7</sup> Esse imperialismo resulta em uma alienação linguística profunda e é, obviamente, o caso das culturas onde a cultura pré-colonial é suprimida pela conquista militar ou escravidão. Assim, por exemplo, um escritor indiano como Raja Rao ou um escritor nigeriano como Chinua Achebe tem necessidade de transformar a linguagem, para usá-la de uma maneira diferente em seu novo contexto... (Tradução Nossa)

“engenheiro”, responsável por construir significados que representem a realidade de seu grupo mais próxima da verdade.

The Aboriginal artist is often perceived as an "engineer" who<sup>8</sup> proceeds with conceptual foreknowledge of the project of cultural expression, and whose artistry lies in the deft deployment of specially designed tools, in this case the certain signs of culture. Both dominant and resistant tropes of aboriginality operate within the engineer model, which serves the editorial function of eliminating elements not consonant with or not "authentic enough" for a tacitly or explicitly conceived project of Aboriginal cultural expression. (APPLEFORD, 2005, p.85)

A composição do romance de Robinson apresenta muitas das características expostas por Appleford, como a forte presença de aspectos culturais de seu povo e a estreita ligação com a natureza. Porém, o elemento pulsante de sua obra ultrapassa todas essas questões. Em *Monkey Beach*, Robinson explora as relações socioculturais dos aborígenes dentro do contexto contemporâneo. Os impasses, anseios, e conflitos traspassados pela transculturação, que assombram esses sujeitos híbridos, são problematizados na obra, revelando a busca desses indivíduos por estabelecerem um elo maior com a realidade que o circunda, por uma maior compreensão de si e de sua cultura no espaço que habitam.

Partindo da pesquisa de Flávia Carpes Westphalen (2007), sabe-se que a literatura dos Primeiros Povos canadenses passa a ganhar maior expressividade a partir da publicação de *The Unjust Society*, de Harold Cardinal, em 1969, apesar da existência de autores nativos que o precederam, como é o caso de Joseph Brant, George Copway e Emily Pauline Jonshon. Entretanto, somente nos fins da década de 80 e início de 90, após a turnê teatral *The Rez Sister*, de Thomson Highway é que, segundo Westphalen (2007), inicia-se um sistema literário aborígene propriamente dito no Canadá.

Eden Robinson faz parte do grupo de escritores oriundos das Primeiras Nações canadenses, e que, apesar de desenvolverem um discurso que vai de

---

<sup>8</sup> O artista aborígene é muitas vezes percebido como um "engenheiro" que procede com conhecimento prévio do projeto conceitual da expressão cultural, e quem está na implantação hábil de ferramentas especialmente concebidas, neste caso certos sinais da cultura. Ambos os tropos dominantes e resistentes de aboriginalidade operaram dentro do engenheiro modelo, que serve a função editorial de eliminação de elementos não conformes ou não "autênticos o suficiente" explícita ou tacitamente por um projeto concebido de expressão da cultura aborígene. (Tradução Nossa)

encontro ao tradicional, vem cada vez mais alcançando destaque e reconhecimento pela crítica e pelo público. Autores como Thomas King, Neal McLoad, Rita Joe, Maria Campbell, Tomson Highway, Joseph Boyden, Richard Wagamese, Eden Robinson, entre outros, produzem arte evidenciando o seu lugar, expressando a sua voz. Robinson se insere em um contexto em que as marcas deixadas pela intensa ação civilizatória imposta ao índio são sentidas no cotidiano desses indivíduos. O distanciamento de suas tradições, o desemprego, o alcoolismo, os distúrbios de comportamento, a falta de perspectiva de uma etnia que vive em diáspora mesmo sem sair de seu local de origem são retratado, assim, em seu romance *Monkey Beach*.

### 2.3 EDEN ROBINSON E A CRÍTICA

*Close, very close, a b'gwus<sup>9</sup> howls – not<sup>10</sup>  
quite human, not quite Wolf, but something in  
between... (ROBINSON, 2000, p.374)*

Eden Robinson nasceu em 19 de janeiro de 1968, em uma reserva aborígine conhecida como Kitamaat, na Colúmbia Britânica. Robinson é descendente de duas nações dos Primeiros Povos, Haisla e Heilsuk, e é a primeira escritora a representá-las. Decidida a concluir seus estudos, entrou para a Universidade de Vitória (UVic) e graduou-se em Belas Artes, adquirindo, posteriormente, o título de mestre em Escrita Criativa na Universidade da Columbia Britânica (UBC).

Fortemente influenciada por Stephen King e Edgar Allan Poe, sua escrita é frequentemente estudada pelo viés do estilo gótico e obscuro. A primeira publicação de Robinson foi o livro de contos *Traplines*, em 1996. A obra foi bem recebida pela crítica, ganhando os prêmios Winifred Holtby e The *Prism* International Prize for Short Fiction. *Traplines* é uma obra que apresenta contos dotados de acontecimentos intensos e violentos, seus personagens são constituídos de identidades problemáticas, e os temas são bastante diversificados.

Em 2000, Robinson publica seu primeiro romance, *Monkey Beach*, indicado no mesmo ano a duas premiações literárias, *Giller Prize* e *Governor General's*

<sup>9</sup> Como é conhecido o Pé grande no idioma *Haisla*.

<sup>10</sup> Perto, bem perto um b'gwus uiva – nem macaco, nem lobo, algo liminar. (Tradução Nossa)

*Award*, e, finalmente, alcançando o Ethel Wilson Fiction Prize. Diferente da primeira produção da autora, *Monkey Beach* apresenta uma narrativa mais próxima daquela esperada por uma escritora de origem nativa. A obra é ambientada em uma reserva aborígine, e traz em si temas que tratam de conflitos próprios da contemporaneidade, como a questão das identidades híbridas e fragmentadas, o embate entre a tradição e a assimilação cultural do branco, e o lugar do nativo dentro de uma sociedade atravessada pela transculturação. Em 2011, ela lança o livro *The Sasquatch at Home: traditional protocols and modern storytelling*, em que apresenta traços culturais de seu povo, como algumas tradições e costumes, e as mudanças verificadas hoje.

Em 2005, a autora lança mais um romance, *Blood Sports*, que ganha um grande reconhecimento popular, conseguindo o segundo lugar na lista dos mais vendidos no Canadá. Seguindo a linha do seu primeiro livro, *Blood Sports* se distancia das questões que envolvem a problemática pós-colonial e aborda assuntos que envolvem, especialmente, a violência, vícios ilícitos, a pobreza, confrontos entre gangues e questões afins. Várias etnias se cruzam entre as linhas do romance, este fato, assim como a preferência por temas universais, evidencia uma preocupação da autora em escrever sobre realidades que vão além das convenções que envolvem a escrita dos Primeiros Povos.

Norah Bowman-Broz (2009) traz em seu artigo, *Shitless Family Love: Deleuzo-Guatarian Creative Affiliation in Eden Robinson's Blood Sport*, questionamentos sobre a escrita de Robinson como representante da cultura nativa. Bowman-Broz faz um estudo sobre o romance *Blood Sports*, e apresenta o posicionamento de alguns críticos sobre essa produção que, de certa forma, subverte a proposta de texto esperada por escritores nativos pelo cânone literário canadense. Fagan e McKegney, citados por Bowman-Broz, demonstram que esse romance, livre de questões étnico-culturais, representa a liberdade criadora de Robinson, e a sua autonomia em produzir textos que não necessariamente façam referências a tais questões.

They rightly note that Robinson, an accepted and skilled writer, freely<sup>11</sup> “defies” canonical limitations and moves between styles and genre in the same ways that non-Aboriginal writers such as Margaret Atwood or Anne-Marie MacDonald do. Such aesthetic defiance might be understood as an anti-oppressive act. (BOWMAN-BROZ, 2009, p. 129)

Entretanto, no mesmo artigo, Bowman-Broz contrapõe o posicionamento de Fagan e McKegney alegando uma visão simplista diante da interpretação da obra, entendida apenas como um ato de transgressão política. Para fundamentar seu argumento, Bowman-Broz utiliza os estudos de Gilles Deleuze e Felix Guattari que versam sobre a “literatura menor”. Segundo os teóricos, esse tipo de arte é revolucionária e subverte o discurso hegemônico cultural. O que está em questão não é a escrita que dá voz aos povos nativos, e sim aquela que dá voz a grupos marginalizados e silenciados. Neste sentido, a escrita de Robinson segue na mesma direção, problematizando a condição de marginal e valorizando a diferença.

Voltando o olhar para a obra *Monkey Beach*, alguns estudiosos a consideram como romance gótico dentro da literatura nativa. Jennifer Andrews (2001) em seu artigo intitulado *Native Canadian Gothic Refigured: Reading Eden Robinson Monkey Beach*, e Jodey Castriciano (2006) em *Learnining to Talk with Ghost: Canadian Ghotic and Poetics of Haunting in Eden Robinson’s Monkey Beach*, abordam essa característica marcante na obra. Ambos apresentam como ponto em comum a maneira pela qual o estilo gótico se configura nas produções literárias canadenses contemporâneas e, mais especificamente, a presença do sobrenatural como reminiscência da tradição do povo Haisla, constituindo-se como metáfora da resistência cultural em *Monkey Beach*.

... as *Monkey Beach* suggests, Native Canadian Gothic explores not<sup>12</sup> only the monstrosities of colonization and incorporates the power of the Native spirit world but also acknowledges the survival of Native populations and their traditions on their own terms. (ANDREWS, 2001, p. 22)

---

<sup>11</sup> Eles justamente observam que Robinson, um escritor aceito e habilidoso, livremente “desafia” as limitações canônicas e se move entre estilos e gêneros da mesma forma que os escritores não aborígenes: como Margaret Atwood ou Anne-Marie MacDonald o fazem. Tal desafio estético poderia ser entendido como um ato anti-opressivo. (Tradução Nossa)

<sup>12</sup> ... como sugere *Monkey Beach*, A Native Canadian Gothic explora não só a monstrosidade da colonização e incorpora o poder do mundo espiritual nativo, mas também reconhece a sobrevivência de populações e suas tradições em seus próprios termos. (Tradução Nossa)

Castriciano (2006) ratifica o pensamento de Andrews, e revela, ainda, que a escrita gótica no romance *Monkey Beach* é delineada com traços da cultura Haisla que tratam sobre o espírito do universo, os quais, inseridos na obra, fazem a ponte entre o nativo hibridizado e a dimensão espiritual de sua cultura autóctone. O estilo gótico na escrita literária possibilita discussões sobre o valor de conhecimentos oriundo de forças repudiadas pelo materialismo ocidental, como: mitos, lendas e fábulas, assim como manifestações sobrenaturais. Essa representação cultural se insere de maneira bastante significativa na obra em questão, e reflete alguns dos grandes embates contemporâneos que afligem os Primeiros Povos ainda remanescentes, como as questões de memória, identidade e deslocamento.

Kit Dobson (2009), em seu artigo *Indigeneity and Diversity in Eden Robinson's Work*, aponta para uma das grandes discussões acerca das produções de Robinson. A questão que Dobson se propõe a discutir é a recepção dos textos da autora e o fato de que alguns críticos persistem em avaliar sua escrita exclusivamente a partir de pressupostos aplicados à escrita do nativo. Segundo ele, as narrativas de Robinson vão além, apresentando aspectos próprios da escrita aborígine, mas revelando um caráter universal, fato que lhe rende uma gama de possibilidades interpretativas.

Eden Robinson's work - especially *Monkey Beach* - provides an<sup>13</sup> excellent example of the ambivalent forms of recognition that face Indigenous writers. This novel displays anxiety about how it will be recognized as either a representative "Native" text or as a more universal/Western novel aimed at a mainstream audience. And it encodes literary elements that allow it to be read in either register, resisting categorization - and in the process generating a fair bit of academic head-scratching. (DOBISON, 2009, p.54)

A natureza ambivalente de *Monkey Beach*, defendida por Dobson, direciona para uma leitura que foge do convencional. Sua composição é composta por elementos simbólicos e de resistência cultural contra a imposição colonial, ao mesmo tempo em que transcreve situações que sobrepõem essas questões,

---

<sup>13</sup> O trabalho de Eden Robinson - especialmente *Monkey Beach* - fornece um excelente exemplo das formas ambivalentes de reconhecimento que enfrentam os escritores indígenas. Este romance exibe ansiedade sobre como ele será reconhecido tanto como um texto "Nativo" representante ou como um romance ocidental mais universal destinado ao público em geral. Ele codifica elementos literários que permitem que seja lido em qualquer registro, resistindo a categorização - e no processo gerando bastante confusão acadêmica. (Tradução Nossa)

demonstrando transformações sociais inevitáveis da cultura autóctone, sem necessariamente estarem ligadas às questões relacionadas a problemática colonizador/ colonizado. Assim, Robinson tanto se adequa à escrita representativa dos Primeiros Povos, quanto ao gosto canônico, afirma Dobson.

Anja Mrak (2013), em *Trauma and Memory in Magical Realism: Eden Robinson's Monkey Beach as Trauma Narrative*, analisa a obra sob a estética do Realismo Mágico como forma expressão da memória traumática resultante da colonização. Segundo Mrak (2013), todo o entorno da obra, como o uso de elementos mágicos, o discurso do narrador, o constante retorno ao passado, entre outros aspectos, direciona para o cenário caracterizado pelas memórias traumáticas. Ela afirma:

As trauma cannot be integrated into the narrative, it can only be<sup>14</sup> uncovered indirectly and through a double distancing: firstly through the techniques of magical realism, and secondly, through the seemingly detached point of view of the narrator, who ultimately realizes that her life is also encumbered with the dark stain of colonialism. (MRAK, 2003, p.1)

É importante, entretanto, esclarecer que a abordagem trabalhada em questão tem como foco principal verificar traços na produção literária aborígine ligados à resistência frente às influências da colonização. Robinson, através de uma escrita detalhada e rica em sinestésias, consegue colocar o leitor em contato bem próximo ao cenário vivenciado por seu povo, cheio de conflitos identitários, embates e peculiaridades próprias de uma escrita que denuncia, subverte e conduz ao universo enigmático de uma cultura rica em tradições, que persiste em continuar a existir mesmo em meio ao caos da contemporaneidade.

---

<sup>14</sup> Como o trauma não pode ser explicitamente integrado à narrativa, ele é somente desvelado indiretamente e através de dois aspectos: primeiro através das técnicas do realismo mágico, e em segundo, através do aparente ponto de vista desconectado do narrador, que por fim entende que sua vida é também marcada pela mancha escura do colonialismo.

### 3 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS NA TECITURA DE *MONKEY BEACH*

#### 3.1 LITERATURA E EXPRESSÃO SOCIAL

*In these early stages of writing Monkey Beach, I was invited to a Haisla Rediscovery Camp in the Kitlope Valley. The program sought to reconnect Haisla youth with the traditional ways of learning... The Rediscovery Camp heavily influenced the structure and content of Monkey Beach. Walking the territory, boating the territory, eating food that I'd collected and being immersed in the stories was inspiring. (ROBINSON, 2011, p.33)*

A literatura se traduz como dimensão reveladora do ser social e de suas relações intersubjetivas, ambientadas em espaço e tempo delimitados pela narrativa ou como parte constituinte da criação poética. Partindo para a observação específica da escrita ficcional, percebe-se que essa é delineada a partir de traços culturais, sociais e históricos, compreendidos como elementos formadores da tessitura do texto, organizados segundo uma estrutura estética, responsável por determinar o valor literário de uma obra.

Na segunda metade do século XX, Antônio Cândido, em *Literatura e Sociedade*, aponta para a necessidade de se compreender o fenômeno social enquanto fator interno à composição da narrativa, pois entende que texto e contexto precisam estar integrados, relacionando-se dialeticamente, “compondo um todo indissolúvel”. Assim, a crítica literária sob o viés sociológico se atem não só à interpretação imanente do texto, ou considera a literatura como uma mera representação da realidade, mas busca relacionar todas as questões que

---

<sup>15</sup> Nesses primeiros estágios de escrita de *Monkey Beach*, fui convidada a participar do *Haisla Rediscovery Camp* (Acampamento de Redescoberta do povo Haisla) no vale Kitlope. O programa busca reconectar os jovens Haisla com as maneiras tradicionais de aprendizagem...O *Rediscovery Camp* influenciou fortemente a estrutura e a trama de *Monkey Beach*. Caminhar pelo território, navegar pelo território, comer alimentos que eu mesma coletei e estar imersa nas histórias foi inspirador. (Tradução Nossa)

perpassam o universo da narrativa ficcional, pois cada uma desempenha um papel específico e indispensável à estrutura da obra.

É o que vem sendo percebido por vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, nem como enquadramento, nem como matéria registrada pelo criador, - o que permite alinhá-los entre os fatores estéticos. (CÂNDIDO, 1967, p. 5)

Elementos antes considerados externos à obra deixam de atuar apenas como um pretexto para a criação literária, e passam a integrar, juntamente com os aspectos linguísticos, à feitura do texto, produzindo nele seu valor estético. A arte, enquanto sistema simbólico, apropria-se do real, transformando-o de acordo com as aspirações pretendidas pelo autor, a fim de torná-lo mais expressivo e dotado de significações. Soma-se à desordem social, gerada pela liberdade criadora, o trato com a linguagem, que confere à narrativa o seu teor literário.

Cândido (1967) explica que a produção artística é movida pelas condições sociais que incorporam o artista e suas vivências. Assim, a obra literária resulta da agregação de forças sociais inerentes ao contexto no qual se insere, impulsionando o artista a tomar para si a decisão de produzi-la. O escritor absorve toda a atmosfera que o envolve, recria a realidade de acordo com suas percepções e a transforma em literatura. A partir de um olhar crítico direcionado à escrita literária, percebe-se que a obra, além de receber forte influência de manifestações sociais, proporciona em seu público leitor um maior grau de sensibilidade e compreensão de mundo.

Com efeito, a atividade do artista estimula a diferenciação dos grupos; a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as obras delimitam e organizam o público. Vendo os problemas sob esta dupla perspectiva, percebe-se o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade nem vasto sistema solidário de influências recíprocas. (CÂNDIDO, 1967, p. 28)

Ainda segundo Cândido, os principais elementos da criação literária compreendem o escritor, a obra e o público. Todos eles se encontram interligados, e são determinantes na constituição da obra. Assim, pode-se entender que o

constante intercâmbio entre obra e público se estabelece a partir da escrita do autor e sua reinvenção do vivido traduzido pela escrita literária. Através da estilização formal, o autor converte o mundo real em imaginário, alterando a ordem natural das coisas e mantendo um diálogo contínuo com seu público. Assim, a literatura propicia ao leitor o que o teórico Tzvetan Todorov sinaliza como um reconhecimento maior de si e do mundo circundante, permitindo-lhe vivenciar experiências singulares e significativas.

Ela (a literatura) nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservadas a pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV 2009, p.78)

Todorov discorre sobre a importância da literatura como ferramenta construtora de sentidos, capaz de proporcionar ao leitor um maior contato com a experiência humana. O teórico traça um paralelo entre literatura, filosofia e as ciências humanas, em que afirma: “a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos” (TODOROV 2009, p.77). Assim, a literatura tem o poder de tornar os seres humanos mais próximos uns dos outros, pois possibilita reflexões e transformações internas no indivíduo.

Ao dar forma a um objeto, um acontecimento, ou um caráter, o escritor não faz a imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la: em vez de impor, ela propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo. Lançando mão do uso evocativo das palavras, do recurso às histórias, aos exemplos e aos casos singulares, a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial. (TODOROV, 2009, p.78)

A arte literária, assim como as ciências que tratam tanto do homem quanto de suas relações interpessoais, ocupa-se também com a condição humana, porém de maneira singular. Todorov (2009) observa que livre de fórmulas e de leis gerais, a

obra preserva a riqueza e a diversidade das relações sociais, causando uma mistura de sentimentos que seguem da “admiração ao devaneio”. Em oposição ao leitor científico, certos da exatidão de suas proposições, o apreciador da obra literária tem a possibilidade de interpretações variadas acerca do que lê. As significações vão tomando forma, obedecendo à experiência de vida de cada indivíduo, tornando o leitor mais crítico e ativo diante de suas leituras.

Lucien Goldmann, ao tratar da sociologia aplicada à análise do romance, reforça a ideia da estreita relação entre a dimensão social e a literária. Para Goldmann (1990), essas duas estruturas são homólogas, e o romance se constitui como um mecanismo de expressão de uma consciência coletiva elaborada a partir do comportamento dos indivíduos que participam de um determinado grupo social. Ou seja, a obra literária é expressão da coletividade, e de suas estruturas significativas.

A maior parte das obras de sociologia literária estabelece, com efeito, uma relação entre as obras literárias mais importantes e a consciência coletiva de tal e tal grupo social onde aquelas nasceram. (GOLDMANN, 1990, p.18)

Essas estruturas significativas resultam da maneira como cada grupo social reage aos desafios e adversidades impostos pela vida em sociedade. Para Goldmann (1990), o estudo sociológico, estrutural e genético, que tem como premissa a natureza homóloga entre a estrutura social e a literária, compreende a arte como uma produção da coletividade. O escritor, como parte integrante de um grupo social, comunga da mesma visão de mundo de seu público, e busca articular, através de sua atividade criadora, respostas coerentes às questões colocadas pela realidade circundante.

O grande escritor é, precisamente, o indivíduo excepcional que consegue criar em certo domínio, o da obra literária (ou pictórica, conceptual, musical, etc.), um universo imaginário, coerente ou quase rigorosamente coerente, cuja estrutura corresponde àquela para que tende o conjunto do grupo; quanto à obra, ela é, entre outras, tanto mais medíocre ou tanto mais importante quanto mais a

sua estrutura se distancia ou se aproxima da coerência rigorosa. (GOLDMANN, 1990, p.209)

A análise sociológica estrutural defendida por Goldmann entende a obra literária como um dos elementos constituintes mais importantes da consciência coletiva, pois permite que os membros de um grupo social tenham uma noção mais abrangente acerca de seus pensamentos, sentimentos e ideias, e possam encontrar soluções mais coerentes às questões que os rodeiam.

...a relação entre o grupo criador e a obra apresenta-se, a maioria das vezes, de acordo com o seguinte modelo: o grupo constitui um processo de estruturação que elabora na consciência de seus membros as tendências afetivas, intelectuais e práticas, no sentido de uma resposta coerente aos problemas que suas relações com a natureza e suas relações inter-humanas formulam. (GOLDMANN, 1990, p. 208)

O resultado dessa estruturação, elaborada no âmbito das relações sociais, garantem ao grupo um comportamento, até certo ponto, coeso entre seus membros, que os permitem responder às vicissitudes provenientes de suas vivências de maneira adequada ao que foi estabelecido. A literatura passa a se constituir como um instrumento eficaz para se repensar essas respostas e elaborar outras mais, viabilizando novos olhares e novas possibilidades.

Partindo para o romance *Monkey Beach*, entende-se que este se configura como uma escrita de dentro por possibilitar uma visão panorâmica acerca do lugar, dos costumes, tradições e interferências da transculturação na vida do povo Haisla na contemporaneidade. Robinson consegue inserir o leitor em uma realidade só descrita de maneira mais precisa por quem a conhece bem e tem no sangue as marcas de uma cultura fortemente influenciada pelo mar, pela natureza, pelo sobrenatural, mas que, no entanto, encontra-se quebrantada pela interferência do branco. Percebe-se, assim, a grande influência das experiências vividas pela autora, bem como do contexto sócio cultural da obra na composição do fazer literário. Ao descrever o cenário povoado pelas tradições e costumes do povo Haisla, Robinson

desloca o leitor de sua zona de conforto e o transporta para o universo detalhadamente descrito por ela, possibilitando sensações diversas.

At Kemano<sup>16</sup>, there is a graveyard... All graveyards should have moss<sup>17</sup> covered trees creaking in the wind and the sound of the waves grating the round stones on the beach. The trees are so high and large here that under this canopy, even the brightest day is pale. Wander slowly, careful where you step. No neat row of crosses, no meticulous lawn, no carefully tended flowers will guide you. Too sterile, antiseptic. Headstones carved into eagles, blackfish, ravens, beavers appear seemingly at random. (ROBINSON, 2000, p. 82)

Na obra, a descrição dos ambientes é rica em detalhes e trazem consigo uma carga simbólica e emocional muito presente, própria de uma escrita que se quer fazer entender, compreender, sentir. Ao apresentar o cemitério indígena nas terras de seu povo, a narradora-personagem segue delineando toda a atmosfera fúnebre do local reforçada pela imponência dos aspectos naturais e a maneira como lidam com a morte. A inevitável comparação com os costumes do branco explicita o constante conflito que permeia a obra, evidenciando a interferência de tal aspecto na formação do sujeito colonizado.

O romance, então, consegue traduzir os sentimentos conflituosos e contraditórios mediados pelo discurso do narrador, que porta a voz dos povos aborígenes canadenses, frente às influências culturais e sociais impostas pela cultura do branco. Retomando a teoria de Cândido, Eden Robinson se coloca à disposição da escrita, motivada pelo entorno de suas experiências individuais e coletivas, transpondo, por meio da palavra, os embates vivenciados por povos que possuem sua cultura e tradição alteradas pelo longo processo de colonização.

---

<sup>16</sup> Local onde se encontra um assentamento de funcionários de uma hidrelétrica no sudeste da cidade de Kitimat, na província de Colúmbia Britânica, no Canadá. (Tradução Nossa)

<sup>17</sup> Em Kemano, existe um cemitério... Todos os cemitérios deviam ter árvores cobertas de musgos rangendo com o vento e o som das ondas roçando nas rochas arredondadas da praia. As árvores são tão altas e grandes aqui que sob suas copas até o dia mais luzente se torna pálido. Observe vagarosamente e calmamente por onde você anda. Nenhuma fileira de cruzeiros organizadas, nenhum meticuloso gramado, nem flores cuidadosamente dispostas irão guiá-lo. Demasiadamente estéril, antisséptico. Lápides esculpidas em águias, orcas, corvos, castores aparecem aparentemente ao acaso. (Tradução Nossa)

Descendente do povo *Haisla*, Robinson se insere em um contexto pós-colonial caracterizado pela imposição imperialista, deixando transparecer em sua obra o resultado dessa ação sentida nos dias de hoje. Ao narrar os fatos que envolvem a trama do romance, a autora se utiliza de um tom irônico para descrever a verdadeira situação que envolve os Primeiros Povos dentro do contexto social canadense. Livre de estereótipos e romantismos, *Monkey Beach* aponta para uma realidade de supressão cultural justificada por programas governamentais e imposições sociais que alteram significativamente a cultura autóctone desses povos.

O romance não só retrata, mas conduz à reflexão acerca das mazelas enfrentadas pelos povos autóctones como a violência, o preconceito, o desemprego, o alcoolismo, e a falta de perspectiva. Entretanto, a problemática pulsante sentida no texto e o principal ponto de discussão desse trabalho se encontra exatamente na busca de uma compreensão maior do sujeito colonial, de suas origens e tradições bastante modificadas pela transculturação e hibridização cultural.

Julia Emberley, em sua obra *Defamiliarizing the Aboriginal: Culture Practices and Decolonization in Canada*, apresenta as práticas de colonização e o processo de descolonização da sociedade canadense na contemporaneidade refletidas na formação familiar dos povos aborígenes. Ela esclarece que no final do século XIX e durante o século XX foram formuladas políticas voltadas para a inclusão desses povos dentro do modelo social europeu, através da anulação de sua língua e de sua cultura. A iniciativa de dividir hierarquicamente a sociedade nas esferas pública e privada facilitou o enquadramento dos povos autóctones dentro do propósito de exploração e controle da administração imperial.

In Canada during the late nineteenth century, and throughout<sup>18</sup> the twentieth, colonial politics were engaged in developing and deploying techniques to dismantle indigenous kinship relations by imposing European forms of political governance. Specifically, a hierarchical division between public and domestic

---

<sup>18</sup> No Canadá durante o final do século XIX e ao longo do século XX, a política colonial estava engajada no desenvolvimento e implantação de técnicas para desmantelar as relações de parentesco indígenas, impondo formas europeias de política de governo. Especificamente, uma divisão hierárquica entre as esferas pública e doméstica que foi imposta à sociedades de caçadores. (Tradução Nossa)

spheres was imposed upon gather/hunter societies.  
(EMBERLY, 2009, p. 4)

Segundo Emberly (2009), as técnicas coloniais usadas para desestabilizar as relações entre os povos nativos se constituíram como uma práxis incisiva e pungente percebida como parte integrante da estrutura imperialista. Essa prática determinou os papéis sociais bem definidos na conjuntura imperial, pois delimitando a função de cada um, os europeus evitariam mais facilmente confrontos e questionamentos. Assim, passou-se a justificar o lugar de cada um dentro da sociedade de acordo com o seu grau de civilidade. Os povos aborígenes, compreendidos pelos europeus como incapazes de se manterem à frente das questões políticas e econômicas, mantiveram-se à margem dessas duas instâncias, ou seja, totalmente excluídos de participação no setor público.

No setor privado, esses povos tiveram que assimilar a noção de poder absoluto destinado ao homem, assim como a divisão dos papéis sociais pautada no gênero aos moldes europeus. Emberly (2009) destaca, entretanto, que em algumas sociedades aborígenes essa divisão já acontecia previamente, o que de certa forma facilitou essa assimilação, porém, era bastante divergente daquela que lhes foi imposta. Nesse período, a educação voltada para esses povos se constituiu como uma das formas severas de imposição cultural e acomodação social, o que lhes gerou uma séria crise identitária.

During the late nineteenth and early twentieth centuries, European<sup>19</sup> imperial powers enlisted various disciplines of knowledge in order to justify and assert their right to govern "colonized peoples". The duality of savagery and civilization shaped English ideas about indigenous cultures as essentially ones that existed in a savage infantile state in need of the governing rationality of more advanced and enlightened bourgeois society. (EMBERLY, 2009, p. 8)

---

<sup>19</sup> Durante o século XIX e início do século XX, os poderes imperiais europeus listaram várias disciplinas do conhecimento, a fim de justificar e fazer valer seu direito de governar "povos colonizados." A dualidade de selvageria e civilização deram forma às ideias Inglesas acerca das culturas indígenas como essencialmente aquelas que existiam em um estado selvagem infantil com necessidade de racionalidade dominante/ governamental de uma sociedade burguesa mais avançada e intelectual. (Tradução Nossa)

A concepção de indivíduos frágeis e de fácil manipulação conduziu ações que garantiram o total controle dos sujeitos colonizados. Como citado anteriormente, a educação foi um recurso fortemente utilizado para a manutenção da ordem social, já que os europeus seriam aqueles cuja civilidade redentora iria guiar as mentes “débeis” para o caminho da “verdade”. As chamadas *Residential Schools*, para onde as crianças aborígenes eram encaminhadas ainda bem pequenas, tiveram papel fundamental na difusão da língua, religião e cultura do branco.

Direcionando o olhar para os aspectos que constituem o romance, constata-se a presença de uma narradora – protagonista, Lisamarie, que se comporta como o que Luckács chama de herói degradado em busca de valores autênticos em um mundo também degradado. Goldmann, em seu estudo sobre a sociologia do romance, apresenta a teoria de Luckács na qual descreve o romance como uma “ruptura insuperável entre o herói e o mundo” (GOLDMANN, 1990, p.9). Ambos se apresentam corrompidos e afora dos valores autênticos. O herói como parte desse mundo egoísta e conformista adquire, inevitavelmente, uma visão distorcida acerca dos valores genuínos, porém, luta contra estas influências, e é aí que ocorre a cisão entre as duas categorias. Goldmann discorre sobre o romance, a partir de sua leitura de Luckács, e aponta que o herói se constitui como:

...um *personagem problemático* cuja busca degradada e, por isso, inautêntica de valores autênticos num mundo de conformismo e convenção, constitui o conteúdo desse novo gênero literário que os escritores criaram na sociedade individualista e a que chamaram de “romance”. (GOLDMANN, 1990, p. 9)

No romance, a heroína sai em busca de seu irmão perdido no mar, o que, metaforicamente, entende-se como uma representação da busca de si, de seus valores originais. O conflito interior percebido nesta personagem, que tem o poder de voz, resulta especialmente no fato de coabitar em dois mundos distintos, complexos e inautênticos, procurando se compreender enquanto indivíduo pertencente ao não-lugar, aquele que não é mais, ou seja, o sujeito colonial. O enunciatador traz ao romance uma realidade sem máscaras, descrevendo o cotidiano de um povo modificado pela efetiva sujeição de suas tradições.

Esse embate cultural vivido pela protagonista pode ser percebido logo nas primeiras linhas do romance. Lisamarie é despertada do sono pelo som de corvos grasnando em uma árvore próxima ao quarto de seu irmão. Ela os escuta como se tivessem enviando-lhe uma mensagem em *Haisla*: “*La’és*, they say, *la’és*, *la’és*”<sup>20</sup>(ROBINSON, 2000, p. 1), que significa “Desça ao fundo do oceano”. Na noite anterior, ela e sua família haviam sido informadas do desaparecimento de Jimmy, seu irmão caçula, em mar aberto, e aquela mensagem parecia fazer-lhe muito sentido. Entretanto, ao comunicar aos seus pais sobre o que lhe ocorrera à mesa do café, eles não dão importância alguma, e buscam justificativas concretas para o fato.

“Did you hear the crows earlier?” I say. When he doesn’t answer, I<sup>21</sup> find myself babbling. “They were talking to me. They said *la’és*. It’s probably –“

“Clearly a sign, Lisa -” My mother has come up behind me and grips my shoulders, “that you need a Prozac.” (ROBINSON, 2000, p. 1)

O contato com fenômenos imateriais é uma característica marcante na cultura indígena. Porém, o que se observa ao longo da narrativa é a tendência, entre alguns personagens, de ignorar, ou ainda, de recusar tais fenômenos. O vivenciar a cultura do Outro abrindo mão de aspectos caros à sua própria cultura se faz presente na obra de maneira renitente, o que parece refletir situações reais vivenciadas por muitos indivíduos da margem. Lisamarie se sente dividida entre refletir sobre o fenômeno que lhe parece claro e real, ou sucumbir à razão, silenciando-se, reprimindo-se e, conseqüentemente, adequando-se à ordem social imposta. Entretanto, desde cedo, Lisa demonstra claros sinais de subversão aos padrões de comportamento e aceitação determinados pela cultura do branco.

<sup>20</sup> *La’és*, eles dizem, *la’és*, *la’és*.

<sup>21</sup> “Você ouviu os corvos mais cedo?” Eu digo. Quando ele não responde, percebo que estou balbuciando. “Eles estavam falando comigo. Eles disseram *la’és*. Isto provavelmente é –“  
“Um claro sinal, Lisa –“ Minha mãe veio por trás de mim e apertou meus ombros, “que você precisa de um Prozac.”(Tradução Nossa)

“She’s got to know about these things,” Mick would say to Dad<sup>22</sup>, who was disturbed by a note from one of my teachers. She had forced us to read a book that said that the Indians on the northwest coast of British Columbia had killed and eaten people as religious sacrifice. My teacher had made us each read a paragraph out loud. When my turn came, I sat there shaking, absolutely furious. (ROBINSON, 2000, p.68)

Lisa, ainda na escola, opõe-se a se curvar diante das incoerências disseminadas sobre o seu povo e se rebela frente às determinações da professora. Esse ato causa impactos diferentes, mesmo em seu contexto familiar. A reação do pai foi de decepção e constrangimento, já a do seu tio Mick, demonstra solidariedade e um contentamento que rende a Lisa um afago e um apelido tão carinhoso quanto sugestivo: “My little warrior.”<sup>23</sup>(ROBINSON, 2000, p. 69) Lisamarie e o irmão mais velho de seu pai, Mick, vivenciam uma relação bastante próxima, em especial, porque partilham de uma perspectiva semelhante acerca das questões que envolvem a imposição da cultura do Outro. A reação de ambos contra esse quadro coercitivo se reflete nas relações que mantêm com o seu grupo social, refletidas na inadequação aos valores e costumes do branco, e na transgressão de regras determinadas pelo domínio deste.

O contexto de submissão cultural e de suas inevitáveis consequências aos povos colonizados, tiveram papel fundamental na escrita de Eden Robinson. A obra, entretanto, não relata experiências ligadas especificamente à vida da autora, mas ao seu povo de uma maneira geral. O resultado da influência da ação imperialista pode ser sentido de uma maneira mais profunda, emaranhado no interior das relações interpessoais vivenciadas pelo povo Haisla, que se apresenta dividido entre a adequação da cultura do branco e o resgate de suas origens.

As personagens que participam do universo dessa narrativa ficcional possuem perfis diferenciados quanto aos sentimentos de deslocamento ou adaptação ocasionados pela transculturação resultante da ação imperialista.

---

<sup>22</sup> “Ela deve saber dessas coisas.” Mick diria ao papai, que estava incomodado por causa de um bilhete de uma das minhas professoras. Ela nos forçou a ler um livro que dizia que os índios que habitavam costa noroeste da Colúmbia Britânica mataram e comeram pessoas em sacrifícios religiosos. Minha professora nos fez ler cada um de nós um parágrafo bem alto. Quando chegou minha vez, fiquei sentada lá tremendo, absolutamente furiosa. (Tradução Nossa)

<sup>23</sup> Minha pequena guerreira (Tradução Nossa)

Algumas se adequam e se acomodam ao que lhes é imposto, sem grandes contestações, apenas silenciam e seguem o instinto ligado à necessidade de sentir-se pertencer a um lugar, a uma nação, com todo o seu aparato sociocultural. Existe, assim, uma tendência de se desligarem, em alguns momentos, da essência de suas raízes, para se identificarem como parte integrante da realidade imposta. Em contrapartida, no entanto, pode-se observar personagens que demonstram profunda inadequação ao novo contexto. Mesmo nascidos dentro da ordem social imperialista, carregam consigo a necessidade de manter a tradição ancestral como forma de garantir a preservação e a união de seu povo, e lutar contra a submissão histórica infligida às nações aborígenes.

“So, where will you go?” Mom said.<sup>24</sup>

“I don’t know. Does it matter?”

“You’ve got to settle down some time.”

“And do what?”

“Why does it have to be so complicated? You find a woman, you marry her, you have kids.”

“That’s it? That’s your advice? Pump out some kids and die?”

“Well, excuse me for not wanting to run around saving the world.”

He laughed bitterly. “Ouch.”

“Michael”, Mom said, her tone becoming gentle. “You did your part. You said yourself it wasn’t worth it. Why get yourself beat up again?” (ROBINSON, 2000, p.116)

No trecho acima, Gladys e Mick representam bem os dois lados. Mick retorna à reserva de seu povo depois de um longo período distante, dedicado à luta em prol

---

<sup>24</sup>“Então, para onde você vai?” Disse mamãe.

“Eu não sei. Isso importa?”

“Você tem que se aquietar em algum momento.”

“E fazer o quê?”

“Por que isso tem que ser tão complicado? Você encontra uma mulher, casa-se com ela, depois tem filhos.”

“Então é isso? Esse é o seu conselho? Colocar filhos no mundo e depois morrer?”

Bem, desculpe-me por não concordar que você corra por aí tentando salvar o mundo.”

Ele sorriu amargamente. “Nossa.”

“Michael”, mamãe disse com um tom de voz gentil. “Você fez sua parte. Você disse a si mesmo que não valia a pena. Por que se colocar em perigo novamente?”

dos direitos dos aborígenes em movimentos sociais, a exemplo do A.I.M<sup>25</sup>. Sua cunhada o questiona sobre o seu futuro, entende que é hora de repensar suas ações que até então o colocaram em situações de risco. Entretanto, o espírito guerreiro de Mick o coloca em condição de desajuste, ele não consegue se adequar aos espaços em que coabita, nem mesmo ao retornar ao seu lugar, ao seu povo, como explicita ao finalizar o diálogo anteriormente exposto: “I thought I’d find something here. Get my head together. But I haven’t had any stunning revelations so far.”<sup>26</sup> (ROBINSON, 2000, p.116) Compreende-se que Mick é um indivíduo que vagueia no entre-lugar, sente-se deslocado, inadaptado e, assim como a protagonista Lisamarie, retrata o perfil do sujeito do interstício, espaço de transformação cultural.

Pode-se inferir, portanto, que a escrita de *Monkey Beach* se constitui a partir de um processo dotado de uma grande carga simbólica. Nele são relatados acontecimentos aparentemente corriqueiros, como a infância e a juventude da protagonista e suas relações consigo mesma e com seu grupo, para expressar as respostas sociais elaboradas por estes povos diante de uma infinidade de estímulos negativos resultantes da opressão colonial. Observa-se um tom de denúncia bastante sutil, mas que consegue conduzir a leitura para uma verificação mais crítica acerca da realidade enfrentada por muitos povos aborígenes na sociedade contemporânea.

---

<sup>25</sup> Movimento Indígena Americano fundado em 1968 nos Estados Unidos responsável por ocupar-se de questões que envolvam a situação dos índios nas zonas urbanas.

<sup>26</sup> Eu pensei que encontraria algo aqui. Colocar minha cabeça no lugar. Mas não tive nenhuma revelação significativa até agora. (Tradução Nossa)

### 3.2 NAÇÕES ABORÍGENES DA COSTA OESTE CANADENSE

*“Kitamaat” is a Tsimshian word that means<sup>27</sup> people of the falling snow, and that was their name for the main Haisla village. (ROBINSON, 2000, p.4)*

A Colúmbia Britânica está localizada na costa oeste canadense. Formado por inúmeras ilhas vazadas por rios caudalosos, e dotado de uma rica cadeia ecossistêmica, esse local abrigou, no passado, muitas comunidades nativas, de diferentes nações, entre elas o povo Haisla. Cada uma possuía um sistema político, econômico, social e linguístico próprio, com leis e tradições definidoras de suas identidades. Porém, o inevitável contato com o branco resultou em grandes perdas populacionais dos nativos, especialmente causadas pelas moléstias trazidas do Mundo Antigo, além de interferir em todos os espaços da vida social desses povos.

A invasão colonial na Colúmbia Britânica, segundo Paul Tennant (1990), tardou a acontecer. Os europeus começaram a chegar massivamente naquelas terras por volta de 1850, rapidamente impondo seu controle sobre os grupos indígenas que ali habitavam. Apesar das profundas mudanças ocasionadas pela colonização, essa ocorreu sem conflitos armados, e ainda, em particular, sem o deslocamento dos nativos para outras áreas. O que ocorreu, entretanto, foi a junção forçada de alguns grupos indígenas, causando descontentamentos e reações isoladas.

Whites began to arrive in significant numbers only in the 1850's, and<sup>28</sup> not until the 1890's did effective white control extend to the last of major aboriginal groups. In almost every Indian community there are

---

<sup>27</sup> “Kitammat” é uma palavra em Tsimshian que significa Povo da Neve que Cai, e esse é o nome que eles deram para a vila do povo Haisla. (Tradução nossa)

<sup>28</sup> Os brancos começaram a chegar significativamente somente nos anos de 1850, e antes mesmo de 1890 implementaram seu controle sobre os últimos grandes grupos aborígenes que restavam para ser colonizado. Em quase todas as comunidades indígenas existem ainda idosos que enquanto crianças foram ensinados por seus pais ou avós, os quais cresceram em comunidades que se auto governavam, livres do controle dos brancos. Além disso, embora os brancos tenham trazido consigo doenças devastadoras e mudanças desestabilizadoras, não houve nenhuma conquista armada, nenhuma vila relocada em outra região, e relativamente poucas junções de comunidades diferentes. (Tadução Nossa)

still elders who as children were taught by parents or grandparents who had grown to adulthood in self-governing communities free of control by Whites. Moreover, although the Whites brought devastating diseases and disrupt change, there was no armed conquest, no widespread displacing of villages, and relatively little forced admixing of differing communities. (TENNANT, 1990, p. 3)

É interessante observar que pelo fato de terem sido colonizados recentemente, se comparado ao que ocorreu nas demais regiões da América, muitos aborígenes, hoje, desfrutam da possibilidade de terem um contato mais próximo com suas raízes, pois adquiriram conhecimento sobre seus costumes e suas tradições daqueles que vivenciaram de perto a sua cultura autóctone. Tennat (1990) afirma ainda que, por conta disso, esses laços culturais originais permanecem vivos entre os grupos remanescentes, apesar da forte influência do estilo de vida europeu: “They could thus more easily keep alive their ways, their memories, and their ideals.”<sup>29</sup> (TENNANT, 1990, p. 3)

A população indígena da costa canadense compunha, originalmente, sociedades bastante organizadas politicamente. Havia o líder político de cada nação, auxiliado por conselheiros representantes de cada clã, que trabalhavam juntos para decidirem sobre as determinações e as leis que os regiam. Por conta dessa estruturação, Tennant (1990) assegura que ainda, na atualidade, esses grupos aborígenes se diferenciam bastante daqueles que habitam o interior do país. É importante lembrar, no entanto, que a autonomia e soberania dessas nações foram restringidas pela intervenção do poder central canadense.

As nações aborígenes eram formadas por clãs, e esses, por núcleos familiares que habitavam a mesma moradia, geralmente em média trinta pessoas por habitação. Nas tribos da Colúmbia Britânica, o sistema social era organizado através da matrilinearidade, em que a descendência dos indivíduos é considerada a partir da linhagem da mãe. Os chefes da tribo herdavam essa posição diretamente da família materna, diferentemente do que ocorria em tribos do interior do país. Essas tinham a opção de conceder tal posição através da linhagem da mãe, do pai ou por mérito. O processo de sucessão que ocorria entre os nativos da costa canadense era bastante oportuno, já que evitavam disputas internas. Assim, desde

---

<sup>29</sup> Eles tinham, assim, a possibilidade de manter mais facilmente vivos os seus costumes, suas memórias e seus ideais. (Tradução Nossa)

muito cedo era indicado o sucessor do chefe da tribo, que seria treinado e preparado para este fim, garantindo, então, a paz e a coesão do grupo.

On the north coast the certainty for succession was major contribution<sup>30</sup> to the strength of the clans, while the clan network extending through the villages contributed to the strength and cohesion of the whole group. (TENNANT, 1990, p. 7)

Outro aspecto característico das nações da costa oeste canadense se destaca na tradição de promoverem festas e apresentações entre si, os chamados “potlaches.” Essas celebrações serviam para legitimar a posição, a autoridade e o prestígio do chefe da tribo, fortalecendo, assim sua força e influência. Um chefe poderia promover “potlaches” constantemente para demonstrar sua riqueza e prosperidade distribuindo alimentos, utensílios e roupas entre os demais membros do grupo, para simbolizar a comunhão dos recursos em abundância.

Potlaches were both the essential route to political influence and vital<sup>31</sup> means of maintaining authority and demonstrating prestige. Without potlaches no chief could have assumed or maintained his position, nor could any individual have been assured and reassured his or her place within the house, extended family, or clan. Potlaches were the critically important institution within all coastal tribal groups. (TENNANT, 1990, p. 8)

Essas nações tinham como base de sua alimentação recursos provenientes da caça, pesca, coleta de frutos e de trocas comerciais. Sabe-se que antes mesmo da interferência do branco, já existia o comércio entre os diferentes grupos através do escambo de produtos dos quais necessitavam. Entre os recursos naturais mais significativos de sua economia, destacava-se o *oolichan*<sup>32</sup>, importante para a dieta dos nativos e nas negociações de troca, assim como o couro de animais, e a árvore

---

<sup>30</sup> Na costa norte, a garantia da sucessão (ao posto de chefe da tribo) contribuiu fortemente para o fortalecimento dos clãs, pois o vínculo entre eles favorecia a força e a coesão de todo o grupo. (Tradução Nossa)

<sup>31</sup> *Potlaches* significam tanto um caminho essencial para a influência política quanto um meio vital para a manutenção da autoridade e demonstração de prestígio. Sem *potlaches* nenhum chefe poderia assumir e manter sua posição, como também nenhum indivíduo teria certificado e assegurado seu lugar dentro de um núcleo familiar ou em um clã. Potlaches foram importantes instituições dentro dos grupos tribais em toda a costa. (Tradução Nossa)

<sup>32</sup> Um peixe habitante das águas do pacífico, conhecido em inglês como candlefish.

de cedro, imprescindível na construção das canoas e habitações.

Jacquei Green *at all* (2013) destaca a importância da relação desses indivíduos com o meio ambiente, mostrando que homem e natureza sempre viveram em constante equilíbrio. Os Green (20013) são descendentes do povo Haisla e conseguem descrever a intrínseca conexão do nativo com a natureza, como ele a reconhece e respeita, prezando pela manutenção do eco sistema, conhecendo-a em sua essência, para que possa extrair dela apenas o necessário.

Traditional worldviews of Haisla people encapsulate the distinct yet<sup>33</sup> interconnecting knowledge of the land, the seasons, the weather, and the water; this knowledge informs people of seasonal and appropriate times throughout the year to fish and hunt (Basso, 1996; Cajete, 1994; Deloria 1999). Within these intersections, fishers must know how to work respectfully and sensitively within these eco systems and must be prepared to conduct and adapt their lives in relation and response to weather. (GREEN *at all*, 2013, p.60)

Partindo para o momento de pós-contato com o branco, verifica-se o desequilíbrio que este causou na realidade do nativo. A interferência pode ser sentida desde o controle sobre suas trocas comerciais, ainda no início da colonização, passando pela relocação dos nativos em áreas distintas de seu local de origem, até as incisivas tentativas de os civilizarem, obrigando-os a renunciar suas crenças e tradições. Os reflexos dessa interdição cultural do branco serão analisados com maior propriedade na seção intitulada *Impactos da Ação Colonial nas Primeiras Nações Canadenses*.

O povo Haisla, que povoa as páginas de *Monkey Beach*, é uma nação que fora composta originalmete por oito clãs, *Eagles, Beaver, Raven, Crow, Killer Whale, Salmon, Wolf e Frog*<sup>34</sup>. Mais tarde essa composição viria a se desfazer com o desaparecimento dos dois últimos clãs citados, devido a epidemias de gripe que assolaram a região. Atualmente, esses nativos continuam a habitar as mesmas terras de tempos remotos, pois como as demais tribos da costa oeste canadense

<sup>33</sup> A visão de mundo tradicional do povo *Haisla* compreende a nítida interconexão do conhecimento acerca da terra, das estações, do clima e da água; este conhecimento informa às pessoas o período apropriado e sazonal durante o ano para pescar e caçar (Basso, 1996; Cajete, 1994; Deloria 1999). A partir desse cruzamento de informações, os pescadores ficam sabendo como trabalhar respeitosamente e sensivelmente dentro do ecossistema e a estar preparados para se comportarem e adaptarem suas vidas de acordo com o clima. (Tradução Nossa)

<sup>34</sup> Águias, Castores, Corvos, Gralhas, Orcas, Salmões, Lobos e Sapos

não foram obrigados a se deslocar para outros territórios. A vila Kitamaat abriga esses povos que auto intitulam de *dwellers downriver*<sup>35</sup>. São conhecidos também por *People of the snow*<sup>36</sup>, nome herdado por seus vizinhos *Tsimshian*. O idioma Haisla é formado pela fusão de alguns dialetos indígenas da costa oeste, como *Wakashan*, *Kwak'wala* e *Heiltsuk*.

Após anos de interferência cultural do branco, a vila Kitamaat apresenta costumes e valores que abrangem tanto suas antigas tradições quanto traços culturais da sociedade moderna. Por conta disso, Gerard Joshua Moore (2011) afirma que o povo Haisla se mantém vivendo em uma contínua diáspora, mesmo dentro do seu próprio território. Moore (2011) esclarece ainda que não só a colonização geográfica, mas também a ideológica lançadas aos nativos apresentam consequências marcantes na visão de mundo e nas relações sociais entre os povos subjugados. Ele argumenta: “Yet, despite this geographical continuity, the Haisla have been placed in a diasporic position as a result of colonial appropriations and cultural influences.”<sup>37</sup> (MOORE, 2011, p.2)

Moore (2011) analisa a obra *Monkey Beach* dentro desse contexto diaspórico. Ele explica que o sentimento de deslocamento dos aborígenes em contato com a cultura do Outro, mesmo dentro de seu próprio espaço, assemelha-se àquele vivido por indivíduos que se submeteram ao deslocamento geográfico nas mesmas condições. Moore segue apresentando as situações de deslocamento em que se enquadra a protagonista, que vive imersa no interstício entre a tradição de seu povo e a cultura imposta.

Através da leitura de *Monkey Beach*, tem-se uma visão privilegiada tanto do espaço geográfico ocupado pelo povo Haisla, com o seu rico ecossistema, como dos costumes e concepções de mundo que norteiam as relações sociais desses indivíduos no mundo contemporâneo. Corroborando com os estudos de Moore (2011), pode-se perceber que os conflitos interiores vividos pela narradora-protagonista determinado pela sua posição de sujeito diaspórico, deslocado, são evidenciados na maneira de descrever a realidade que a circunscreve.

---

<sup>35</sup> Habitantes das margens do rio (Tradução Nossa)

<sup>36</sup> Povo da neve (Tradução Nossa)

<sup>37</sup> Ainda, apesar dessa continuidade geográfica, o povo Haisla tem se encontrado em uma posição diaspórica, como resultado das apropriações coloniais e das influências culturais. (Tradução Nossa)

The road from Kitamaat Village to town is an eleven-kilometre strip<sup>38</sup> of concrete that winds north along the coast and over steep hills like a roller coaster. It was finished in the late sixties and is patched every year when spring and fall floods eat away at the portions near the cliffs. Before the road was built, people went to town by boat. The docks were across the channel, so even today, when people go to town, they say, “I’m going across”. (ROBINSON, 2000, p.27)

Acima, Lisa descreve a estrada que liga a vila Kitamaat à cidade próxima, Kitimat. Observa-se que ela fala do local evidenciando como se apresenta hoje, mas também como fora no passado. Esse paralelo do entre o antes e o agora é verificado em vários momentos da obra, representando uma voz que fala do lugar fronteiriço, onde as negociações culturais acontecem. Essa é a nova realidade do povo Haisla, que se constitui a partir de indivíduos fragmentados, que transitam entre o aqui autêntico, genuíno, e o aqui diverso, e alterado pela ação do branco.

Lisa apresenta seu conhecimento acerca do local onde vive dialogando com o leitor, ela diz: “Find a map of British Columbia”<sup>39</sup>(ROBINSON, 2000, p.4). A narradora, então, segue apresentando as ilhas e montanhas que compõem a paisagem da vila Kitammat, com seus respectivos nomes, desenhando com palavras um mapa mental do espaço. A ênfase que ela dá à descrição dos recursos naturais encontrados nesse local demonstra uma ligação muito forte entre a natureza e o povo Haisla.

A vila Kitamaat está situada em uma das principais enseadas da costa canadense, conhecida como *Douglas Channel*, habitada por centenas de aborígenes da nação Haisla. “Near the head of the Douglas, you find Kitamaat Village, with its seven hundred people tucked in between the mountains and the ocean”<sup>40</sup> (ROBINSON, 2000, p.5). Próxima à vila, foi construída uma cidade que leva um nome semelhante: *Kitimat*, fundada para abrigar os trabalhadores da indústria *Alcan Aluminum*<sup>41</sup>, e que a narradora ironicamente chama de “*city of the future*”<sup>42</sup>

<sup>38</sup> A estrada da vila Kitamaat para a cidade é uma faixa de onze quilômetros de concreto que segue em toda a costa, por cima das colinas, como se fosse uma montanha russa. Ela foi construída no final dos anos sessenta e sofre reparos todo ano quando as enchentes da primavera e do outono causam danos às partes próximas ao penhasco. Antes da estrada ser construída, as pessoas iam à cidade de barco. As docas ficavam do outro lado do canal, então, ainda hoje, quando as pessoas vão à cidade elas dizem: “Eu vou atravessar.” (Tradução Nossa)

<sup>39</sup> Encontre um mapa da Colúmbia Britânica. (Tradução Nossa)

<sup>40</sup> Próximo ao início do canal Douglas, você irá encontrar a vila Kitamaat, com seus setecentos habitantes agrupados entre as montanhas e o oceano. (Tradução Nossa)

<sup>41</sup> Indústria de alumínio construída na região(Tradução Nossa)

(ela coloca o termo entre aspas), como ficou conhecida na época de sua construção. A indústria alterou a paisagem do local, interferindo no ecossistema da região, porém, gerou empregos, inclusive para os nativos da região.

Considerando a cultura original do seu povo, Lisa apresenta, em especial, a relação que esse mantém com outros mundos. Algumas das histórias que povoam o imaginário do povo Haisla referem-se à conexão entre dimensões distintas. As fronteiras entre o que se considera real e fantástico são diluídas, abstratas, pode-se transitar facilmente nesses espaços, como se um fosse a continuidade do outro.

In a time distant and vague from the one we know, she told me, flesh<sup>43</sup> was less rigid. Animals and humans could switch shapes simply by putting on each other's skin. Animals could talk, and often shared their knowledge with the newcomers that humans were then. When this age ended, flesh solidified. People were people, and the animals lost their ability to speak in words. Except for the medicine man, who could become animals, and sea otters and seals, who had medicine men too. (ROBINSON, 2000, p.210)

O excerto acima representa um diálogo entre Lisa e sua avó Agnes, em que essa repassa à neta ensinamentos provenientes da tradição oral de seu povo. Agnes, em sua fala, apresenta duas temporalidades, o antes e o agora. Uma em que o intercâmbio entre dimensões distintas era possível a qualquer um que a desejasse, em que as pessoas se permitiam viver suas tradições livremente, sem interdições. A outra em que esse intercâmbio é interrompido e as fronteiras se dissipam. O contato com o além-mundo se torna somente possível através de um intermediador, do curandeiro, que conduz em si a conexão entre o real e o fantástico.

Assim se encontra as comunidades nativas na contemporaneidade, assim se configura o contexto em que se encontra o povo Haisla. O distanciamento dos índios de suas raízes, causado pela imposição cultural colonial, torna-os mais céticos,

---

<sup>42</sup> Cidade do futuro (Tradução Nossa)

<sup>43</sup> Em um tempo impreciso e distante do que conhecemos hoje, ela me disse, o corpo era menos rígido. Animais e homens podiam mudar de forma simplesmente colocando a pele de cada um em si. Os animais falavam, e frequentemente dividiam seus conhecimentos com os humanos recém-chegados. Quando essa era acabou, o corpo se solidificou. As pessoas se tornaram apenas pessoas, e os animais perderam a habilidade de falar com os humanos. Exceto os curandeiros, que podiam se transformar em animais, assim como as lontras marinhas e as focas, em contrapartida, pois tinham curandeiros também. (Tradução Nossa)

muitas vezes alheios a questões fundadoras de sua identidade. É nesse espaço híbrido, delimitado pela fusão de culturas tão adversas, que habita a nação aborígene que adornam as páginas de *Monkey Beach*.

### 3.3 IMPACTOS DA AÇÃO COLONIAL REFLETIDOS NA ESCRITA ABORÍGENE

*About three of the rivers in Kitamaat territory<sup>44</sup> have realiable oolichan<sup>45</sup> runs - the Kitimat, Kitlope and Kemano river. Like salmon, oolichans spawn in rivers and their fry migrate to the ocean, where they live for about three years. They return to their home rivers along the British Columbian coast in early spring, usually between mid-February and early April. The Kitimat River used to be the best one, but it has been polluted by all the industry in town, so you´d have to be pretty dense or desperate to eat anything from that river.(ROBINSON, 2000, p.92)*

Antes da chegada dos europeus em terras americanas, existiam inúmeras nações indígenas portando culturas bastante diversificadas e próprias de cada grupo. Línguas, costumes, ritos e tradições garantiam a coesão identitária dos indivíduos, e fortaleciam sua relação com a terra e com a natureza. A partir da invasão colonial, toda a estrutura harmônica que existia no Novo Mundo foi alterada e mudanças significativas passaram a compor a nova realidade dos ameríndios.

---

<sup>44</sup> Aproximadamente três dos rios pertencentes ao território de Kitamaat abrigam as autênticas migrações de oolichans – os rios Kitimat, Kitlope e Kemano. Como o salmão, os oolichans procriam no rio e suas crias migram para o oceano, onde vivem por aproximadamente três anos. Eles retornam aos seus rios de origem ao longo da costa da Colúmbia Britânica no início da primavera, geralmente entre a metade de fevereiro e início de abril. O rio Kitimat costumava ser o melhor de todos eles, mas tornou-se bastante poluído por todas as indústrias da cidade, então você tem que está bastante carregado ou desesperado para ingerir qualquer coisa vinda desse rio. (Tradução Nossa)

<sup>45</sup> Peixe originário da costa do pacífico bastante importante na alimentação dos povos aborígenes da região da Colúmbia Britânica.

As we all know, Christopher Columbus got lost in 1492 and was<sup>46</sup> subsequently charged with the “discovery” of the New World; a land known as Turtle island by many Indigenous people. As in Europe, the people who inhabited the Turtle island in 1492 belonged to many nations. Like European nations, each had its own language, culture, traditions, history, sense of nationalism, territory, laws and legal system, political system and spirituality. (LADNER, 2001, p.120)

O deslocamento dos nativos, determinado pela ação imperial, para áreas ermas se constituiu como uma prática que garantiu a posse das terras cobiçadas pela metrópole. Os colonizadores, além de privarem os nativos de suas terras, apoderaram-se do controle dos bens naturais que ali encontraram. As consequências da sujeição colonial seguiram além das questões territoriais, afetando profundamente os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais das nações subjugadas. A relação unilateral entre colonizador e colonizado baseou-se na exploração deste, e, concomitantemente, na anulação de sua cultura e tradição.

Outro aspecto que infligiu um grande pesar nas nações aborígenes foi o contato do nativo com o homem branco, que segundo Jonas Ablon (1988), tornou-se ainda mais devastador que os conflitos e guerras causados pela invasão europeia. Segundo Ablon (1988), as doenças trazidas da Europa foram as grandes vilãs dos altos índices de mortalidade entre os nativos na época da colonização, exterminando, por vezes, toda uma população. Ele ratifica: “Disease was the sword with which the New World was devastated”<sup>47</sup> (ABLON, 1998, p. 52). Patologias como tuberculose, pragas, gripe e, especialmente, a varíola, desconhecidas por essas terras, encontraram vítimas completamente susceptíveis, exterminando massivamente populações indígenas, contribuindo para o estabelecimento do poderio metropolitano.

---

<sup>46</sup> Como todos sabemos, Cristóvão Colombo se desviou de seu percurso em 1492 e foi em seguida apontado como o “descobridor” do Novo Mundo; terra conhecida como Turtle island por muitos povos indígenas. Assim como na Europa, os povos que habitavam a ilha da Tartaruga em 1492 pertenciam a várias nações. Como as nações europeias, cada uma possuía sua própria língua, cultura, tradição, história, senso de nacionalismo, território, leis e sistemas legais, sistemas político e espiritual. (Tradução nossa)

<sup>47</sup> A doença foi a espada pela qual o Novo Mundo foi devastado.

Indeed, under the circumstances some nations simply disappeared.<sup>48</sup> Others, their numbers vastly reduced, found their social organization by necessity simplified: villages ceased to exist, while individual clans were extinguished or had so few survivors that they were forced to join others less affected by the decline. The same thing happened to entire communities. (ABLON, 1998, p. 53)

Muitos sobreviventes das grandes epidemias, para resistirem ao jugo imperial, juntaram-se aos grupos menos afetados, causando, portanto, uma hibridação de nações e culturas que passaram a lutar juntas por um bem comum. Entretanto, a fome e as guerras agravaram ainda mais o quadro de desolação, e muitas comunidades indígenas tiveram que se render à imposição colonial. Enfraquecidos pelas moléstias, pela fome e pela guerra, os grupos indígenas remanescentes foram cada vez mais perdendo o controle sob suas terras, e sua economia.

Soma-se ainda a esse cenário a ideia de *terra nullius*, “terra vazia”, “de ninguém”, que se estabeleceu em solo americano, internalizada pelos europeus. Os colonizadores desconsideravam a legitimidade daqueles domínios aos nativos que os habitavam, pois segundo a sua concepção, os índios não poderiam se intitular dono de lugar algum, eram vistos como inferiores, sem direitos, e com a “sorte” de serem civilizados pelo homem branco.

Essa apropriação das terras coloniais foi ainda, em parte, facilitada pela visão peculiar dos Primeiros Povos acerca do povoamento e da posse de territórios. Eles acreditavam que as terras eram habitadas e não possuídas por alguém. Seu uso era firmado através de tratados e acordos estipulados entre as diferentes tribos, fato que os colonizadores souberam manipular com êxito a seu favor. Assim, algumas alianças foram realizadas entre brancos e índios, entretanto, constituíam-se de relações verticais, em que a supremacia imperial sobrepuja os interesses dos nativos.

---

<sup>48</sup> Na verdade devido às circunstâncias algumas nações simplesmente desapareceram. Outras, com seus números reduzidos drasticamente, encontraram as suas organizações sociais num quadro bastante limitado: vilas deixaram de existir, enquanto clãs distintos foram extintos ou apresentaram poucos sobreviventes os quais foram forçados a se juntarem a outros clãs menos afetados pela aniquilação. O mesmo ocorreu com comunidades inteiras. ( Tradução Nossa)

... for standard interpretations of history claims that the relationship<sup>49</sup> between Aboriginal and non- Aboriginal peoples has always been premised on the subjugation of Aboriginal peoples, and the colonization of the land and its people was, in part, based on notions of *terra nullius* as Indians were not viewed as people with unalienable rights or claims nationhood under international law (this is especially evident in British Columbia, Newfoundland Labrador and parts of Quebec). (LADNER, 2001, p.122)

As terras ao norte do Novo Mundo se integraram, então, ao controle de nações europeias, que passaram a disputar as suas jurisdições, reclamando seus direitos sob aqueles territórios. O controle dos europeus sobre os recursos naturais, como a regulamentação da caça e da pesca direcionadas para os nativos e, mais tarde, a criação de um espaço próprio e delimitado no qual pudessem habitar gerou uma série de consequências percebidas no interior das relações entre colônia e metrópole, como: a dependência econômica, ocasionada pela falta de provimentos, e a consequente sujeição do nativo ao centro imperial.

Entretanto, segundo Ladner (2001), algumas nações aborígenes resistiram aos mecanismos de dominação colonial, travando guerras com os invasores e reagindo à aculturação e à imposição socioeconômica. É o caso das nações *Mohawks of Akwesasne* e *Plains Cree*, que desde o início se opuseram e lutaram contra acordos e decisões instituídas pela metrópole. Nem sempre as lutas foram armadas, propostas e acordos foram apresentados pelos nativos, que idealizavam o reconhecimento de sua soberania pela metrópole. Porém, a estrutura política europeia e o objetivo de estabelecer um sistema de poder central vetaram qualquer tentativa de negociação.

No século XIX, o Canadá implantou políticas regulamentadoras direcionadas a assimilação dos nativos à estrutura social do europeu e sua consequente “civilização”. O *Indian act*, firmado em 1876, reuniu muitas dessas ações, e, apesar de não ter sido a única resolução estabelecida pela metrópole, foi a opção mais

---

<sup>49</sup> ...interpretações tradicionais da história alegam que o relacionamento entre os povos Aborígenes e não-Aborígenes sempre esteve pautada na sujeição dos povos Aborígenes, e a colonização da terra e de seus habitantes foi, em parte, baseada na noção de *terra nullius* já que os Índios não eram considerados pessoas com direitos inalienáveis ou não reivindicavam seus direitos à propriedade de terras ao direito internacional (isso é evidente especialmente na Columbia Britânica, Newfoundland, Labrador e partes de Quebecue). ( Tradução nossa)

defendida e implementada pelos colonizadores. Posteriormente, o *Indian act* foi institucionalizado como lei federal de assimilação cultural e controle sócio-econômico e político. Através dele, o sistema e as leis tribais foram substituídas pelas determinações do poder central, destituindo a autonomia das nações aborígenes. Além disso, manifestações culturais e religiosas passaram a ser questionadas e proibidas, e a catequização aplicada de maneira efetiva.

Recognizing that colonialism was experienced differently and at<sup>50</sup> different times by the various Aboriginal peoples, in the early 1800s (in some areas in the country), colonial authorities began interfering directly with the internal autonomy and sovereignty of indigenous nations. They did so by disbanding traditional structures of governance and institutionalizing their own “puppet” regimes which were supposed to end in the goal of “civilizing” the Indian politically, economically, socially and religiously. (LADNER, 2001, p.110)

Como parte dessa política de marionetes, foi determinada também uma das formas mais incisivas direcionadas à manipulação e assimilação por parte dos nativos da cultura europeia - a institucionalização das *Residential Schools*, em meados de 1893. Esses espaços eram destinados à educação das crianças e adolescentes indígenas, que seriam moldadas às expectativas civilizatórias metropolitana, com a total supressão de sua cultura. Como havia forte resistência, muitas dessas crianças foram arrancadas à força de seus pais, de maneira legal e sob pena de encarceramento desses se resistissem ao cumprimento da lei. Essas crianças passavam a viver sob a supervisão do governo e de líderes religiosos, que seriam os responsáveis por guiar-lhes para o caminho da “luz” e da “verdade”.

Julia Emberly (2007) esclarece que essa ação foi bastante prejudicial à saúde física e mental dessas crianças e adolescentes, que eram conduzidas a adequar-se aos preceitos cristãos, abandonando suas crenças e costumes. Seu aprendizado se direcionava a atividades domésticas e a agricultura, estabelecendo o seu lugar dentro da sociedade canadense, facilitando, assim, o controle e a manipulação dos

---

<sup>50</sup> Reconhecendo que o colonialismo foi vivenciado diferentemente em momentos distintos pelos vários povos Aborígenes, no início de 1800 (em algumas partes do país), autoridades coloniais começaram a interferir diretamente na autonomia e soberania das nações indígenas. Assim fizeram implementando estruturas tradicionais de governo e institucionalizando seu regime de “marionetes” o qual deveria culminar na “civilização” dos Índios politicamente, economicamente, socialmente e religiosamente. (Tradução nossa)

nativos. Emberly (2007) aponta, ainda, para a violência sofrida por essas crianças, que eram constantes e veladas, terminando por comprovar simbolicamente a inferioridade e objetificação desses indivíduos.

Such an operation eventuated in the loss of Native languages, the<sup>51</sup> destruction of spiritual and cultural practices, and with the dissolution of kinship relations, the collapse of a network of emotional, intellectual, spiritual and physical support. In addition to these regulatory colonial practices of assimilation there was the now well documented use of coercive and violent practices of sexual and physical abuse. (EMBERLY, 2007, p. 5)

As consequências sentidas por muitos dos internos das *Residential Schools* foram bastante invasivas e conduziram para um comportamento deturpado na fase adulta. Churchill (1992) declara que esse sistema educacional levou à morte muitas crianças, pela falta de cuidados necessários de alimentação e saúde, e pela violência. Essa ação ocasionou, posteriormente, problemas visíveis e perturbadores, verificados através dos transtornos psicológicos e sexuais, ansiedade, dependência química e até mesmo o suicídio.

Entretanto, essa estrutura de dominação pela educação cristã encontrou muita resistência entre os nativos e os índices de mortalidade infantil nestas instituições passaram a ficar cada vez mais alarmantes, ocasionando uma série de problemas para o governo, especialmente quanto aos questionamentos da opinião pública com relação a estes acontecimentos. Assim, a partir dos anos 90, essas escolas passaram a fechar suas portas, porém as reminiscências desse período continuaram sendo sentidas pelas gerações de aborígenes que se seguiram.

Como resultado de sistemas políticos discriminatórios e da total anulação cultural, os Primeiros Povos foram gradualmente se organizando, com o objetivo de garantir uma oposição efetiva contra o aparelho opressor. Grupos ativistas em prol

---

<sup>51</sup> Tal operação aconteceu na perda das línguas nativas, na destruição das práticas espirituais e religiosas, e com a dissolução das relações de parentesco, com o colapso do apoio mútuo emocional, intelectual, espiritual e físico. Somado a esse aparelho regulamentador de assimilação colonial, havia o agora bem documentado uso coercivo e violento de práticas sexuais e abuso de violência. (Tradução Nossa)

dos direitos dos índios criaram força e iniciaram mobilizações que representassem a luta dos nativos por direito à terra e à liberdade cultural e espiritual. O AIM, *American Indian Movement*, se constituiu como um dos mais fervorosos movimentos ativistas dos índios americanos. Formado basicamente por jovens aborígenes que habitavam as cidades, esse movimento iniciou de forma pacífica, porém, logo viria a se tornar mais incisivo. A luta contra a desapropriação das terras aborígenes foi o impulso inicial para a sistematização desse grupo ativista, estendendo, em seguida, seus objetivos para outras causas.

Such knowledge has fueled a resurgent indigenous national<sup>52</sup> militancy which, beginning in the early 1970's with the emergence of the American Indian Movement (AIM), has led to a series of spectacular extra-legal confrontations over land and liberty ... with federal authorities. (CHURCHILL, 1992, p. 140)

As manifestações do AIM aconteciam geralmente em locais públicos e em eventos oficiais, o que chamou a atenção tanto das autoridades quanto da população em geral. Esse fato gerou um novo olhar para as causas indígenas, e possibilitou a abertura de novos canais de discussão com o poder central. Soma-se a isso, um sentimento de identidade fortalecido, e a necessidade de se relacionar mais intimamente com suas raízes, aspectos muitas vezes representados na escrita literária aborígene.

Retornando ao romance, observa-se que *Monkey Beach* traz em sua composição algumas das consequências da ação colonial imposta às nações indígenas. Através da realidade do povo Haisla e das relações sociais que integram esse cenário, tem-se uma visão mais ampla daquilo que o próprio nativo deseja expressar, a partir do seu lugar e segundo sua percepção acerca dos acontecimentos que envolvem seu povo. Os efeitos da colonização sobre as terras, a saúde, a cultura e a identidade podem ser verificadas na feitura da obra, entretanto, não de maneira direta, mas emaranhados na composição do seu enredo.

---

<sup>52</sup> Tal conhecimento fomentou o surgimento de uma militância indígena nacional, que iniciada no início dos anos 70 com a emergência do Movimento Indígena Americano (AIM), liderou uma série de espetaculares confrontos com as autoridades federais reivindicando a posse de terras e a liberdade. (Tradução Nossa)

Observa-se que a obra é ambientada principalmente em uma reserva indígena na Colúmbia Britânica, destinada ao povo Haisla. O fato de habitarem em terras demarcadas e de acatarem as regras imposta pelo centro, como pagamento de taxas, educação cristã, controle sob seu território, entre outras determinações governamentais, configuram-se como consequências visíveis do longo processo de colonização, e são sutilmente relatados na obra. Grande parte do conflito que compõe o enredo é vivenciado nesse espaço que se caracteriza como um lugar de fronteira, onde os embates culturais são travados, ou mesmo negociados, por sujeitos inscritos pela diferença.

Para apresentar a constituição desse espaço fronteiro, observa-se no trecho abaixo como foi iniciada a vila *Kitamaat*, lugar em que se estabeleceu a reserva do povo *Haisla*, e como possivelmente ocorreu seu povoamento. A narradora se reporta ao passado, mesmo sem tê-lo vivenciado, recorrendo apenas à memória coletiva de seu povo, para refletir sobre fatos históricos que situariam o leitor dentro dos acontecimentos desencadeadores da realidade vivenciada pelos nativos hoje. Através dessa retrospectiva, têm-se uma noção mais clara do poder exercido pela igreja na constituição de uma nova conjuntura social e cultural imposta a esses povos.

We stayed in this village at the bottom of the Kitimat River until about<sup>53</sup> 1893, when Methodist missionary George Raley established a rival village on an old settlement site in present-day Kitamaat Village. Converts moved there when they became Christianized. By early 1900s, most of the Haisla had moved to Kitamaat Mission, as the village was called. (ROBINSON, 2000, p. 194)

A intervenção religiosa do branco e a criação de locais que abrigavam as missões evangelizadoras, preparados para receber e catequisar os nativos, contribuíram para o tolhimento de suas práticas espirituais. Além disso, muitos dessas áreas foram, posteriormente, transformadas em reservas indígenas, servindo

---

<sup>53</sup> Nós ficamos nesta vila às margens do rio Kitimat até aproximadamente 1893, quando o missionário metodista George Raley fundou uma vila rival em um assentamento antigo, que hoje conhecemos como vila Kitamaat. As pessoas que se converteram se mudaram para lá quando foram cristianizadas. No início de 1900, a maioria do povo Haisla se mudou para a missão Kitamaat, como era conhecida a vila na época. (Tradução Nossa)

de morada para os novos cristãos, assim como ocorreu com o povo Haisla, citado no texto.

O romance segue apresentando conflitos próprios de uma realidade marcada pela hibridização cultural. A identidade dos nativos, outrora coesa, cede lugar a identidades móveis que deslizam e se fundem, mesclando aspectos do antes e do agora, como pode ser percebido no diálogo entre Lisa e sua avó ao adentrarem a floresta à procura de plantas medicinais.

“You put these on your windowsill, and it keeps ghosts away.”<sup>54</sup>

“How?”

“Ghosts hate the smell. It protects you from ghosts, spirits, bad medicines. Here, you break off this much and you burn it on your stove –”

“Like incense?”

“What’s incense?”

“Like cedar and sweetgrass bundles.”

“Oh. Yes, yes like that. Smoke your house. Smoke your corners. When someone dies, you have to be careful.” (ROBINSON, 2000, p.152)

Em conversa com sua avó, Lisa adquire conhecimentos que até então lhe pareciam surreais, mesmo sendo descendente de aborígenes. Esse fato se explica porque as tradições repassadas através da oralidade foram sendo mantidas, em especial, pelos mais idosos, como é o caso da avó de Lisa, Agnes. A garota a acompanha à procura de plantas medicinais, e se esforça por compreender toda a

---

<sup>54</sup> “Você coloca isto no parapeito de sua janela, isto irá espantar os fantasmas.”

“Como?”

“Os fantasmas odeiam o cheiro. Isto vai proteger-lhe dos fantasmas, espíritos e mandingas. Aqui, você quebra um talo desse tamanho e coloca no fogão para queimar.”

“Como incenso?”

“O que é incenso?”

“Como um rolo de cedro e grama.”

“Oh. Sim, sim exatamente. Esfumace a sua casa. Esfumace os seus cantos. Quando alguém morre, deve-se ter muito cuidado. “(Tradução Nossa)

simbologia revelada pelas ações da anciã ao se colocar em contato mais próximo com a natureza e com os ritos de seus ancestrais.

Espera-se de Lisa que ela reconheça tais costumes tão intrínsecos à identidade de seu povo, entretanto, a natureza híbrida de sua própria identidade se manifesta quando encara com estranheza as atitudes de sua avó. Através do trecho citado, percebe-se o caráter transcultural das relações que perpassam a realidade do aborígine na contemporaneidade. As duas gerações procuram uma conexão, um espaço de diálogo, onde a diferença sirva como uma complementaridade e não como uma cisão.

Outro ponto relevante que decorre da interferência colonial, verificado historicamente, e que atravessa o universo da narrativa relaciona-se ao contato físico do homem branco com o nativo. Como visto, nações inteiras foram atingidas por mazelas trazidas do Mundo Antigo, exterminando populações inteiras, causando uma dor velada e silenciada. Este fato pode ser observado no texto através do diálogo entre Lisamarie e sua mãe. Em uma viagem a barco para participarem da temporada de pesca de Oolichans, elas avistam uma aldeia desabitada, em ruínas. Curiosa, Lisa questiona Gladys sobre o motivo da sua desocupação, mas a resposta que obtém não consegue abarcar toda a carga emocional sentida no semblante de sua mãe.

“Is there a village there?”<sup>55</sup>

Mom shook her head. “Used to be.”

“What happened?”

She looked down at me. “Most of the people died.”

“How?”

“They just died,” she said her lips thinning. (ROBIBSON, 2000, p.100)

---

<sup>55</sup> “Existe uma vila por aqui?”

Mamãe balançou a cabeça. “Costumava ter.”

“O que aconteceu?”

Ela olhou para mim. “A maioria das pessoas morreram.”

“Como?”

“Elas simplesmente morreram,” disse ela com os lábios pálidos. (Tradução Nossa)

Como visto anteriormente, em 1918, uma epidemia de influenza reduziu drasticamente a população do povo Haisla, exterminando os clans dos *Wolf* e dos *Frog*. Na obra não fica claro a causa do aniquilamento da vila a qual Lisa e sua mãe avistaram, porém, a dor e o silêncio de Gladys podem direcionar a uma compreensão do sofrimento de seu povo trazido pelas moléstias oriundas da civilização e que foram encobertas embaixo dos escombros deixados pelo contato com o branco. Robinson, em *The Sasquatch at Home (2001)*, relata que os sobreviventes deixaram para trás suas vilas, seu passado, os que não tiveram saída. Estes, contudo, mais tarde, retornariam à vida ao se reintegrar à natureza, ao serem vivificados pela rememoração e pela tradição. Ela diz: “They left behind ghost villages that are slowly dissolving back into the forest.”<sup>56</sup> (ROBINSON, 2001, p. 16)

Os resultados da cristianização dos aborígenes imposta em instituições educacionais são igualmente constatados na obra. Mick e sua irmã Trudy vivenciaram a dura realidade das *Residential Schools*, e portam em si um espírito transgressor, inadaptado, refletido em suas ações e em seus vícios. São indivíduos que transbordam o amargor dos dias aflitos vivenciados na infância. Trudy se entrega ao álcool e a desentendimentos constantes com sua mãe, como se a culpasse de seu passado. Mick, entretanto, mesmo compartilhando do mesmo vício da irmã, movimenta-se, luta e questiona o aparelho opressor.

No segmento abaixo, encontra-se uma amostra do comportamento de Mick quando percebe uma situação de adequação ao padrão social do branco. Ele, Lisa, sua mãe e um casal de tios, Geordie e Edith, estão hospedados em uma casa que utilizam durante a época de pesca de oolichans. Em uma manhã, Lisa acorda assustada com os gritos de Mick vindos da sala, ela, então, decide se aproximar e verificar o que se passava. Logo, a garota entende que seus três tios estão discutindo de maneira bastante alterada, Gladys também chega ao local da discussão assustada e tenta intermediar o conflito entre seus parentes.

---

<sup>56</sup> Eles deixaram para trás vilas fantasmas que foram gradualmente se transformando em floresta novamente. (Tradução Nossa)

I woke to the sound of the rain against the roof, and Mick yelling. I<sup>57</sup> slipped my shoes on and took the steps downstairs two at a time. Mick was in the front room, with Aunt Edith and uncle Georgie staring at him, looking shocked.

“How?” Mick was shouting. “They were after numbers! That’s all they wanted! How many converts they could say they had. How many heathens they –“

“Mick,” Mom said, running in from the porch.

“What’s wrong?”

“What’s wrong? What’s right?”

“He’s gone crazy,” Uncle Georgie said.”

“Crazy? I’m crazy? You look at your precious church. You look at what they did. You never went to a residential school. You can’t tell me what I fucking went through and what I didn’t.”

“I was telling you anything!” Aunt Edith said. “I was saying grace!” (ROBINSON, 2000, p. 109)

Mick fica transtornado ao ouvir Edith dizer “graças”, palavra que lhe soa imprudente, pois, como símbolo do cristianismo, reflete a assimilação cultural forçada, que destitui a herança cultural e identitária das nações aborígenes. A palavra em questão faz-lhe reviver lembranças pungentes as quais tenta deixar para traz. Além disso, Mick não aceita o posicionamento de Edith e Georgie em acatar passivamente o que é alheio às suas próprias tradições.

Trudy, Mick e seu amigo Josh são sobreviventes das *Residential Schools*, e carregam consigo o trauma da violência e dos abusos vivenciados nesses espaços. Eles transferem os resultados de tais agruras para as relações que mantem com o outro, seja optando pelo distanciamento daqueles que estimam, no caso de Mick, ou

---

<sup>57</sup> Eu acordei ao som da chuva no telhado, e com os gritos do tio Mick. Fui deslizando sobre meus sapatos até a escada e descí as escadas pulando um degrau por vez. Mick estava na sala da frente com a tia Edith e o tio Georgie, ambos o encarando chocados.

“Como?” Mick gritava. “Eles queriam números! Isso é tudo o que eles queriam! Quantos fieis eles podem dizer que conseguiram? Quantos gentis eles –“

“Mick.” Disse mamãe correndo do terraço.

“O que há de errado?”

“Errado? O que há de certo?”

“Ele ficou louco.” Disse tio Georgie.

“Louco? Eu sou louco? Olhe para a sua preciosa igreja. Olhe para o que ela fez. Você nunca frequentou um reformatório. Não me venha dizer pelo que passei ou deixei de passar.

“Eu não lhe disse nada!” Disse tia Edith. “Eu só estava dizendo graças.” (Tradução Nossa)

infligindo um sofrimento mais direto, como nos casos de Trudy e Josh. Trudy passa a maior parte do tempo alcoolizada e envolvida em festas, além de possuir um relacionamento extremamente problemático com a mãe e com a filha. Josh foi abusado sexualmente por um sacerdote da instituição de ensino em que frequentava e, por conseguinte, faz o mesmo com sua jovem sobrinha Karaoke.

In the pocket of Jimmy's brown's jacket, I found an old photograph<sup>58</sup> and a folded-up card. The Picture was black and White. Josh's head was pasted over a priest's head and Karaoke's was pasted over a little boy's. I turned it over: *Dear Joshua*, it read. *I remembered every day we spent together. How are you? I miss you terribly. Please write. Your friend in Christ, Archibald...*The folded up note card was a birth announcement. On the front, a stork carried a baby across a blue sky with fluffy white clouds. *It's a boy!* Was the bottom of the card. Inside, in neat, careful handwriting it said, "Dear, dear Joshua. It was yours so I killed it." (ROBINSON, 2000, p.365)

Na passagem acima, Lisa encontra nas roupas de Jimmy uma fotografia e um cartão os quais se reportam à Josh e a sua sobrinha Karaoke, então namorada de Jimmy. Ela faz uma montagem na fotografia em que expressa silenciosamente o constante sofrimento que é obrigada a suportar. Josh conheceu a violência ainda muito jovem, e quando adulto, dá continuidade ciclo de dor e infortúnio iniciados nas *Residential Schools*. Ao engravidar do tio, Karaoke não suporta tamanha humilhação e opta por não ter a criança, relatando o fato ao tio com uma grande carga simbólica e emocional.

Mick reage de maneira diferente, não fica evidente se ele passou pelo mesmo drama de Josh, mas busca o caminho da reação às imposições governamentais para extravasar seu sentimento de revolta. Ele não consegue se entregar à apatia e à conformidade que percebe ao seu redor. Por tudo o que passou na sua infância dentro do reformatório e com sentimento de identidade

---

<sup>58</sup> No bolso do casaco de pele marrom de Jimmy, encontrei uma fotografia e um cartão. A fotografia era em preto e branco. O rosto de Josh estava colado no rosto de um padre, e o de Karaoke no rosto de um garotinho. Virei a foto: *Querido Joshua*, lia-se. *Eu lembro de todos os dias que passamos juntos. Como vai? Sinto terrivelmente a sua falta. Por favor, me escreva. Seu amigo em Cristo, Archibald...*O cartão era em homenagem ao nascimento de uma criança. Na parte da frente do cartão, havia uma cegonha carregando um bebê por entre as nuvens brancas de um céu azul. Dentro, com uma bela letra e cuidadosamente escrito havia escrito, "Querido, querido Joshua. O bebê era seu então o matei." (Tradução Nossa)

confuso e maculado, Mick deixa a reserva, ainda jovem, e se envolve em movimentos sociais pela luta em favor da causa aborígine. Passa a fazer parte do A.I.M, envolve-se em conflitos, porém não se deixa abater pela dificuldades e perigos enfrentados nesse momento de sua vida. Nas linhas de *Monkey Beach*, observa-se a resistência em perspectivas distintas e através desse personagem, em especial, naquela mais enérgica e combativa.

No texto, é citada a participação de Mick em um movimento ocorrido em Washington, nos Estados Unidos, em 1972. Nesta ocasião, aproximadamente 500 grupos de nativos americanos tomaram o prédio do Departamento Americano para Assuntos Indígenas<sup>59</sup> (Bureau of Indian Affairs - BIA) para protestarem por melhorias nas condições de vida de seu povo. A passagem a seguir comprova a presença de Mick e de alguns de seus companheiros nesse acontecimento: “Mick grinned. We were in Washington together, at the BIA building.”<sup>60</sup> (ROBINSON, 2000, p. 72). Apesar desse episódio ter sido citado brevemente no texto, percebe-se o interesse intrínseco que emana do texto de apresentar uma realidade de luta contra a passividade. Uma luta que se faz não só através do discurso, nem do estilo literário, mas também da trajetória de vida de cada uma das suas personagens.

---

<sup>59</sup> Tradução Nossa

<sup>60</sup> Mick sorriu. Nós estávamos juntos em Washington, no prédio da BIA.

## 4 OS OUTROS DA RESISTÊNCIA EM *MONKEY BEACH*

### 4.1 *MOKEY BEACH*, UMA NARRATIVA DO ENTRE-LUGAR

*Ma-ma-oo didn't gun the motor so we<sup>61</sup> pattered along. The day promised to be a scorcher, but out on the ocean with the spray cooling my face and the wind drying it away, the heat was bearable. I wished summer would never end. I wished I could do this all year and never have to go back to school. I wished I could pick berries and go fishing with Ma-ma-oo and spend all my days wandering. (ROBINSON,2000, p. 253)*

Na pós-modernidade, as fronteiras culturais se encontram movediças, instáveis, marcadas pela diferença. As categorias tradicionais de estruturação social como classe, gênero e etnia começam a se desarticular enquanto elementos asseguradores de identidades estanques e produtores de discursos discriminatórios. Um novo sujeito emerge, inserido nesse quadro, moldado a partir das diferenças culturais. Este é o indivíduo fronteiro, da margem, que busca se reconhecer na linha contínua da história e estabelecer a sua subjetividade.

Bhabha (1998) se utiliza do conceito de *entre-lugar* como aquele em que as estratégias de subjetivação são organizadas através da invenção de novos signos de identidade. É também o local onde se articula a diferença sob a perspectiva do subalterno. Esse embate entre a aceitação e o rejeito da cultura do Outro se estabelece dentro de um processo complexo, em que as negociações culturais são firmadas nos interstícios, como resultado da hibridização. A representação da diferença se inscreve na arte pós-moderna sob a marca da subversão e da busca pelo reconhecimento das minorias. O discurso tradicional é questionado e reestruturado em favor daquelas, garantindo-lhes formas singulares de identificação.

---

<sup>61</sup> Ma-ma-oo não acelerou o motor então nós navegamos calmamente. O dia prometia ser quente, mas no oceano como os respingos d'água refrescando meu rosto e o vento o secando, o calor estava suportável. Eu gostaria que o verão nunca terminasse. Eu gostaria de fazer isso o ano inteiro e nunca ter que voltar à escola. Eu gostaria de coletar framboesas, pescar com Ma-ma-oo e passar o dia sonhando. (Tradução Nossa)

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. (BHABHA, 1998, p.27)

Esse “novo” transcrito por Bhabha se revela na transgressão das narrativas históricas. As questões que envolvem as minorias sempre existiram, entretanto não encontraram espaço para serem problematizadas no passado. Hoje, porém, tem-se a preocupação em inovar e redefinir conceitos e representações que questionem a autoridade de uma cultura sobre a outra. As narrativas literárias, assim, apresentam-se como o espaço do *entre lugar* citado por Bhabha, lugar, este, de interrupções e de rearranjos do discurso tradicional, proporcionando um local de expressão e de escuta.

A articulação da diferença cultural nas narrativas pós-modernas se organizam não só como forma de denúncia de ações discriminatórias direcionadas aos subalternos, mas, principalmente, na transformação discursiva do enunciador, que se ocupa em expressar não só o que é falado, mas também em evidenciar de onde se fala, “estabelecendo novas formas de sentido e estratégias de identificação” (BHABHA, 1998, p.228). Segundo o teórico, o sujeito do discurso da diferença elabora a sua concepção identitária dialogicamente, através da relação com o Outro, em um processo de substituição, deslocamento ou projeção.

O objetivo da diferença cultural é rearticular a soma do conhecimento a partir da perspectiva da posição de significação da minoria, que resiste à totalização – a repetição que não retornará como o mesmo, o menos-na-origem que resulta em estratégias políticas e discursivas nas quais acrescentar não soma, mas serve para perturbar o cálculo do poder e saber, produzindo outros espaços de significação subalterna. (BHABHA, 1998, p.228)

A escrita da margem proporciona um lugar de reconhecimento, de identidade, que perturba a ordem tradicional. Nela, o subalterno tem a possibilidade de repensar

sua condição e sentir-se parte integrante de um todo que se constitui através da diferença. Segundo Bhabha (1998), a diferença cultural não representa simplesmente posições culturais antagônicas, mas sim possibilita a contestação cultural imposta e a reorganização da base de conhecimentos preestabelecidos.

*Monkey Beach* foi concebido por um indivíduo da margem, uma mulher aborígine, que consegue, através do texto literário, apresentar o espaço onde negociações culturais são estabelecidas. Verifica-se na obra um desarranjo nas estruturas de reconhecimento, valores do antigo e do novo mundo se fundem e as identidades se desestabilizam, tornam-se rasuradas. O sujeito do entre-lugar, defendido por Bhabha (1998) é refletido em cada uma das personagens de Robinson, envoltas em conflitos interiores como consequência das novas formas simbólicas de identificação.

A exemplo, cita-se a narradora e protagonista Lisa, que demonstra, ao longo da obra, inquietudes, tensões e ansiedades originadas, talvez, pelo fato de se sentir deslocada, mesmo convivendo dentro do ciclo social de sua etnia. Lisa carrega consigo sentimentos contraditórios, que variam entre aceitar a realidade de assimilação cultural, ou de buscar saídas que a direcionem para o reconhecimento de sua identidade de índio. No trecho abaixo, ela descreve sobre si, sobre suas impressões acerca de uma das mais enérgicas formas de imposição cultural – a educação.

Nothing they taught me meant anything. None of the stories I read in<sup>62</sup> English had anything to do with my life. As long as I could add and subtract, I didn't feel a need to have great math skills. (ROBINSON, 2000, p. 166)

Nota-se que Lisa tem dificuldades em acompanhar as matérias escolares e, diferentemente de seu irmão Jimmy, não consegue se adequar a esse ambiente. Ela não se vê integrada, como parte daquilo que vivencia na escola. Os saberes tradicionais não significam nada para Lisa, pois não consegue estabelecer uma conexão entre o que é ensinado e a sua natureza de índio. Além disso, não

---

<sup>62</sup> Nada que me ensinavam significavam nada para mim. Nenhuma das estórias que eu lia em inglês tinha nada a ver com minha vida. Contanto que eu soubesse somar e subtrair, eu achava que não precisaria ter nenhuma habilidade a mais em matemática. (Tradução Nossa)

consegue se relacionar com as pessoas, sofre perseguições constantes por ser e sentir-se diferente, um indivíduo inadaptado.

É importante lembrar que a escrita literária se constitui como um espaço onde se pode observar o livre trânsito do discurso das minorias, onde a resistência se organiza e se revela, desestruturando estereótipos e achismos proveniente daquele considerado tradicional. O personagem de *Monkey Beach* que retrata bem o sentimento de intensa inquietude e personifica o ideal de resistência é Mick. No texto, ele representa como ninguém o espírito emancipatório e de luta por melhorias. Abatido por suas atitudes revolucionárias, Mick retorna à reserva, da qual esteve ausente por um longo período, mas não deixa de expressar as suas inquietações na maneira de se colocar e de se relacionar com o outro.

For work, Uncle Mick wore his plaid shirt and rubber boots. On hot<sup>63</sup> days, he wore his message T-shirt: Free Leonard Peltier<sup>64</sup>! Or Columbus: 500 Years of Genocide and Counting. Usually, he wore a Levi Jacket with Trail of Broken Treaties embroidered in bright red thread on the back. For this feast, he'd changed into his buckskin jacket with fringe, his A.I.M Higher – Join the American Indian Movement! T-shirt and his least ratty pair of jeans. He spotted us and let out a moose call. Mom cringed. Conversation stopped and people turned to watch my uncle as he came over to our table. When I sat on his lap, he let me play with the claw that dangled from his bone choker. He wore it all the time, along with an earring of a silver leader. (ROBINSON, 2000, p. 56)

No excerto acima, Lisa descreve a maneira do tio de se vestir e se portar. Ele usa palavras de ordem que representam o revide em seus trajes, como forma de manter acesos os ideais de revolução. Percebe-se, também, na voz da narradora o empenho em trazer à cena momentos históricos que precisem ser lembrados, que

---

<sup>63</sup> Para trabalhar, tio Mick usava sua camisa xadrez e botas de borracha. Nos dias quentes, ele vestia uma camiseta com os dizeres: Libertem Leonard Peltier! Ou Colombo: 500 anos de Genocídio e Contabilidade. Geralmente, ele usava uma jaqueta Levi com a frase Trilha de Alianças Desfeitas bordado de vermelho brilhante e assustador nas costas. Para esta festa, ele mudou para uma jaqueta de couro com franjas, sua camisa A.I.M Mais Alto – Junte-se ao Movimento Indígena Americano! E com seu par de jeans irritante. Ele nos encontrou e soltou um urro de alce. Mamãe se encolheu envergonhada. As conversas pararam e as pessoas se viravam para ver meu tio caminhando em direção à nossa mesa. Quando sentei ao seu colo, ele me deixou brincar com uma garra que balançava de sua gargantilha de osso. Ele a usava sempre, junto com um brinco de pena de prata. (Tradução Nossa)

<sup>64</sup> Ativista aborígine condenado à duas prisões perpétuas pelo homicídio de dois agentes do FBI, em 1975, durante conflito armado em uma reserva indígena.

continuem latejantes na memória dos índios, possivelmente com a intenção de garantir uma pretensa coesão na luta em favor de suas nações.

Partindo para os estudos de Hall (2003), verifica-se que ele discorre, entre outros temas, sobre o hibridismo cultural de sociedades atravessadas pela colonização. Esse termo é utilizado para caracterizar culturas mistas e diaspóricas e redefine a lógica cultural tradicional. O hibridismo supera as concepções internalizadas acerca de identidades fixas e traduz certos conceitos padronizados historicamente pelo discurso do poder. Ele se perfaz dentro de um processo contínuo, sempre modificando de acordo com as relações socioculturais.

O hibridismo *não* se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade. ( HALL, 2003, p. 74)

Partindo do princípio de que o hibridismo cultural é formado a partir das interações sociais, as identidades que nele povoam fazem parte, também, desse processo. Segundo Hall, com a pós-modernidade, e a partir da hibridização das culturas, verifica-se a presença de identidades em trânsito, modificadas continuamente, através dos contatos interculturais. A identidade, assim, é sempre ressignificada de acordo com o contexto no qual se insere, e com as vivências adquiridas. Assim, Hall (2003) afirma:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre a sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2003, p. 38)

Na obra, percebe-se identidades em movimento, as personagens vão se construindo ao longo da narrativa. Como Lisa volta ao passado diversas vezes, pode-se acompanhar as transformações individuais desses sujeitos que seguem se

delineando através do seu contato com o outro, dentro de um contexto transcultural. Na passagem abaixo, Mick novamente é citado para mostrar como os nativos se constituem ao serem atravessados por culturas tão distintas. Josh, após a morte do amigo Mick, entrega à Lisa um envelope contendo fotografias do seu tio em duas situações bastante distintas.

When I opened it later, there was a sympathy card and two pictures<sup>65</sup>, one of Mick holding up a basketball trophy and one of him and Mick on his seiner. They were grinning like crazy as they lifted a giant halibut between them. (ROBINSON, 2000, p.143)

Em uma das fotos, Mick, mais jovem e residente em uma das *Residential Schools*, ergue um prêmio que recebeu devido às suas habilidades esportivas. Este acontecimento representa, simbolicamente, a adequação ao padrão de civilidade que se espera do nativo cristianizado. Na outra, Josh e Mick aparecem felizes em um dia de pescaria farta, anos depois. Do jovem passível e calculável, têm-se o adulto que se lança ao mar, que revoga as expectativas que lhes são projetadas e assume escolhas que o conduzem para caminhos opostos ao esperado. No decorrer da obra, verifica-se visivelmente a identidade de Mick em processo, ela vai sendo construída ao passo que o personagem toma consciência de si, da sua condição e se percebe inadaptado dentro do contexto de sujeição.

Considerando os estudos de Glissant (2005) sobre cultura e identidade, verifica-se que ele as analisa dentro do processo de *crioulização*, o qual marcou fortemente as Américas, apresentando como foco a conjuntura caribenha pós-colonial. Entretanto, seus conceitos podem ser utilizados para compreender os demais espaços colonizados, pois trata de situações muitas vezes comuns a todas as situações de colonização. Ele entende que a *crioulização* que ocorre no Caribe se estende não só por toda a América como pelo resto do mundo, pois em tese o mundo se *criouliza* (GLISSANT, 2005, p.18).

---

<sup>65</sup> Quando eu o abri mais tarde, havia um cartão de condolências e duas fotografias, uma de Mick segurando um troféu de basquete e outra dele e do Mick em seu barco de pesca. Eles estavam festejando como loucos ao alçarem um enorme halibute entre eles. (Tradução Nossa)

Isto é: hoje, as culturas do mundo colocadas em contato umas com as outras de maneira fulminante e absolutamente consciente transforma-se, permutando entre si, através de choques irremissíveis, de guerras impiedosas, mas também através de avanços de consciência e de esperança que nos permite dizer – sem ser utópico e mesmo sendo-o – que as humanidades de hoje estão abandonando dificilmente algo em que se obstinavam há muito tempo – a crença de que a identidade de um ser só é válida e reconhecível se for exclusiva, diferente da identidade de todos os outros possíveis... (GLISSANT, 2005, p.18)

Quando Glissant aborda uma *crioulização* do mundo, ele idealiza uma situação em que as relações interculturais aconteçam de maneira igualitária, “equivalentes em valor” (GLISSANT, 2005, p.21), para que esta realmente seja efetuada. Assim, novas concepções de valores e crenças tomariam o lugar das arbitrariedades, modificando o que o teórico chama de paisagem mental das humanidades.

Os fenômenos da crioulização são fenômenos importantes porque permitem praticar uma nova abordagem da dimensão espiritual das humanidades. Uma abordagem que passa por uma recomposição da paisagem mental dessas humanidades presentes no mundo. (GLISSANT, 2005, p.20)

Desta forma, entende-se que através do processo de *crioulização*, os valores, tradições e concepções são reconhecidos e considerados igualmente oportunos na interação entre culturas heterogênea. Cria-se um espaço em que os elementos culturais em contato devem se “intervalizar” (GLISSANT, 2005, p. 22), sem que haja a degradação de nenhuma das partes. Somente por intermédio desse diálogo intercultural, a *crioulização* poderá ser alcançada inteiramente.

Contudo, segundo Glissant (2005), a crioulização acontece também quando não há equivalência de valores entre as culturas envolvidas no processo, porém ocorre equivocadamente. Nesse caso existe uma assimetria, um desequilíbrio, que “deixa um resíduo amargo, incontrolável” (GLISSANT, 2005, p.21). Essa desarmonia tenta ser ajustada através da ideia lançada pelo teórico de rastro/resíduo. Esse conceito proporciona o restabelecimento da memória da cultura subjugada, por meio da evocação de ritos, e tradições, da língua e de expressões artísticas. Busca-se,

desta forma, manterem vivos elementos de identificação, mesmo que fragmentados e incorporados a culturas diferentes.

O rastro/resíduo está para a estrada assim como a revolta para a injunção, e a jubilação para o garrote. Ele não é uma mancha na terra, um balbucio na floresta, mas a inclinação completamente orgânica para uma outra maneira de ser e de se conhecer; é a forma que é passagem para esse conhecimento. Não seguimos o rastro/resíduo para desembocar em confortáveis caminhos; ele devota-se à sua verdade que é a de explodir, de desagregar em tudo a sedutora norma. (GLISSANT, 2005, p.83)

A própria concepção de *Monkey Beach* carrega em si rastros/resíduos reminiscentes na memória do povo aborígine. Robinson estrutura a sua obra apresentando aspectos históricos e culturais dos nativos que se integram ao seu sistema de identificação. Agnes é a personagem que melhor representa o rastro/resíduo que atravessa a narrativa, pois busca ainda viver dentro das tradições de seus ancestrais. Através dela, são corporificados os elementos identitários que resistem à total aculturação, mesmo que a personagem seja parte de uma realidade já modificada pela ação do branco. Na passagem a seguir, Agnes visita o túmulo do marido, em ocasião de seu aniversário, na companhia de Lisa, em um cemitério indígena. Observa-se o resgate dos costumes dos nativos diante dos mortos e a crença na comunicação com o mundo dos vivos.

“Sherman,” she said to the air. “Happy birthday, you crazy old<sup>66</sup> bugger. I brought you some things.”

Ma-ma-oo brushed her hair back and opened the bottle of Johnnie Walker. She said some words in Haisla that I didn’t understand. She passed the bottle over the fire, which popped and sizzled.

<sup>66</sup> “Sherman,” ela disse ao ar. “Feliz aniversário, seu velho bugre louco. Eu lhe trouxe algumas coisas.”

Ma-ma-oo ajeitou os cabelos para trás e abriu uma garrafa de Johnnie Walker. Ela disse algumas palavras em Haisla que eu não entendi. Derramou o líquido da garrafa no fogo, que estalou e pipocou.

“Esta é para o Sherman,” ela disse, jogando novamente o líquido entre as chamas. “É melhor você gostar disso. Diga olá par o seu ba-ba-oo Lisa.”

“Mas ele não está aqui.” Eu disse.

“Sim, ele está,” ela continuou. “Você só não pode vê-lo porque está morto.” (Tradução Nossa)

“This is for Sherman,” she said, placing it carefully near the centre of the flames. “You’d better appreciate that. Say hi to your ba-ba-oo, Lisa”

“But he’s not here,” I said.

“Yes, he is,” she said. “You just can’t see him, because he is dead.” (ROBINSON, 2000, p. 78)

A maneira que lidam com a morte é bastante distinta daquela pertencente à cultura ocidental cristã. Para o povo Haisla, como apresentado no texto, a morte não significa o fim, nem o distanciamento. Eles se permitem utilizar os sentidos que na cultura do Outro são suplantados e esquecidos. Agnes, ao se entregar à suas tradições, introduz em Lisa os rastros/resíduos de seus ancestrais que produzem na garota sentimentos repentinos de hesitação e incertezas, porém a conecta aos costumes de seu povo.

Segundo Glissant (2005), o rastro/resíduo confere à crioulização elementos surpresa, o inesperado, a transformação. Ele possibilita a coesão de elementos das tradições perdidas, e a reconstrução identitária dos indivíduos da margem, fortemente abalada pelos signos e símbolos impostos pela sociedade opressora. Assim, tanto a língua quanto a arte traduzem os efeitos dessa hibridização cultural, que Glissant nomeia crioulização, e estabelece uma estrutura de identificação e valorização das culturas da “minoría”.

A hibridização cultural, assim como a concepção de identidades inacabadas ganham contornos ainda maiores com as discussões lançadas pela crítica pós-colonial. Teóricos como Bhabha e Hall traduzem as questões que atravessam a cultura e a identidade das nações afetadas pela colonização e seus efeitos na contemporaneidade, corroborando com o pensamento de Édouard Glissant quando este discorre sobre o entrelaçamento dessas culturas e suas consequências marcantes nas identidades de seus sujeitos.

## 4.2 ESCRITA E RESISTÊNCIA NA ESCRITA PÓS-COLONIAL

*"I don't see why we have to file at all",<sup>67</sup>  
Mick said.*

*"The whole fucking country is on island  
land. We're not supposed to pay any taxes  
on or off the reserve."*

*"God, don't start again," Dad said.*

*"This whole country was built on exploiting  
Indians for." (ROBINSON, 2000, p.30)*

A abordagem pós-colonial se direciona ao estudo de todas as culturas afetadas pelo processo de colonização, desde seu início até as suas consequências sentidas hoje. Essa proposta teórica nasce da crescente preocupação de estudiosos, especialmente daqueles provenientes de países não europeus, em viabilizarem discussões acerca da opressão histórica sofrida pelas diversas nações colonizadas. Assim, os Estudos Pós-Coloniais ganham espaço dentro de diversas universidades, redimensionando concepções e interpretações relacionadas aos povos colonizados no contexto mundial. As reflexões desse campo de estudo se aplicam a algumas áreas do saber, o que lhe confere um caráter transversal. Os Estudos Pós-Coloniais são abordados pela filosofia, antropologia, psicanálise, história, política e, em especial, pela teoria literária.

Entretanto, o termo pós-colonial tem sido alvo de muitas discussões sobre a sua legitimidade nos estudos contemporâneos. Stuart Hall (2003) reflete sobre esses embates, apontando para a relevância tanto do termo quanto dos debates gerados a partir das relações de poder e alteridade presentes nas sociedades afetadas. Apesar de teorias que desconsideram a importância da abordagem teórica pós-colonial, Hall propõe argumentos que servem de respostas a certas indagações que contestam a sua plausibilidade.

A visão de alguns estudiosos acerca da universalização, despolitização,

---

<sup>67</sup> "Não entendo porque devemos assinar tudo isso" Disse Mick.

"Toda a porcaria do país está nas terras da ilha." Não deveríamos pagar taxa alguma, nem dentro, nem fora da reserva."

"Por Deus, não comece outra vez." Disse papai.

"Todo esse país foi construído à custas da exploração dos índios." (Tradução Nossa)

ambiguidades e incertezas que envolvem o termo pós-colonial são consideradas, porém, categoricamente rechaçadas por Hall. Ele entende que o pós-colonial surge como uma forma de redefinir conceitos ultrapassados e engessados que por muito tempo envolveram tal questão. Essa corrente de pensamento procura subverter binarismos estanques como, aqui/lá, metrópole/colônia, centro/periferia, entre outros, considerando o caráter global das relações diaspóricas e como estas se organizam na conjuntura social contemporânea.

... O termo pós-colonial não se restringe a descrever uma determinada sociedade ou época. Ele relê a “colonização” como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural – e produz uma reescrita descentrada, diaspórica, ou “global” das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação. Seu valor teórico recai precisamente sobre sua recusa de uma perspectiva do “aqui” e “lá”, de um “então” e um “agora”, de um “em casa” e “no estrangeiro”. (HALL, 2003, p.109)

Hall aborda a problemática das noções de universalização e homogeneização do pós-colonial, admitindo a grande popularização do termo e seu uso descuidado, que, em alguns casos, induz a uma visão homóloga de todas as situações de colonização ao longo da história. Porém, ele contra-argumenta que um estudo mais criterioso desse termo indica que as sociedades anteriormente colonizadas são, hoje, consideradas pós-coloniais de maneira particular, já que o pós-colonial se constitui enquanto um processo que abrange não só as relações herdadas do período colonial, mas também outras próprias de cada conjuntura social. Desta forma, as sociedades pós-coloniais, assim os são, em sentidos diferentes, cada uma com particularidades e temporalidades que lhes são próprias.

Suas relações com o centro imperial e as formas pelas quais lhes é permitido “estar no Ocidente sem ser dele”, tal como C.L.R. James caracterizou o Caribe, os definiram claramente como “coloniais” e os fazem ser hoje designados “pós-coloniais”, muito embora a maneira, o momento e as condições de sua colonização e independência variem bastante. (HALL, 2003, p. 107)

Não se pode pensar na descolonização da Austrália e do Canadá da mesma maneira do que ocorreu na Nigéria ou na Índia, por exemplo, são situações bem

adversas, porém, semelhantes no que se refere ao contato, mesmo que diferenciado, com a intervenção colonial. Tem-se, tanto nos países anteriormente citados quanto nas demais nações traspassadas pela ação imperialista, uma mudança nas relações globais, que segundo Hall, “marca a transição (necessariamente irregular) da era dos impérios para o momento da pós-independência ou da pós-colonização.” (HALL, 2003, p. 107)

Mesmo persistindo alguns efeitos da intervenção colonial dentro do contexto de independência política das nações pós-coloniais, Hall afirma que não se pode comparar as relações políticas, econômicas e sociais atuais com as vivenciadas no período colonial. Verifica-se um novo cenário modificado pelas relações transnacionais e transculturais que fazem emergir, além de outros aspectos, novas concepções em torno do nacional, do cultural e do sujeito com suas identidades fragmentadas.

Hall defende ainda que o pós-colonial oferece uma narrativa histórica alternativa à clássica Moderna, deslocando-se do centro europeu para as “periferias”, provocando o que o teórico cita como uma “interrupção crítica na grande narrativa historiográfica” (HALL, 2003, p. 113). Novas concepções no campo epistêmico e de poder-saber, presentes nas relações globais, encontram-se inseridas no âmbito das discussões pós-coloniais, que seguem buscando superar as antigas formas de se explicar o mundo. Assim, conceitos como hibridismo, sincretismo, transculturação, multiculturalismo, entre outros, são considerados importantes formas de se repensar as relações globais, compreendendo os sujeitos como parte de um novo contexto, diverso, difuso e largamente influenciado pela intervenção imperialista.

Uma das formas de expressar as novas percepções que tratam do colonialismo e de seus efeitos pós-independência é através da arte. A literatura, como parte integrante da cultura de um povo, não só traz em si o reflexo do contexto histórico do qual faz parte, mas também exprime uma gama de sentimentos, pensamentos e sensações percebidas nas interações sociais que as permeiam. Assim, a escrita que aborda as questões pós-coloniais se apresenta como uma manifestação significativa do sujeito colonial, com seus embates e anseios, na busca de sua afirmação identitária na nova conjuntura social contemporânea. A arte, delineada em contornos pós-coloniais, conduz à desarticulação do discurso do poder

hegemônico, garantindo um espaço de voz aos subalternos.

Literature offers one of the most important ways in which these new<sup>68</sup> perceptions are expressed and it is in their writing, and through other arts such painting, sculpture, music and dance that the day-to-day realities experienced by colonized peoples have been most powerfully encoded and so profoundly influential. (Aschcroft *et al*, 2000, p. 1)

Para Aschcroft *et al* (2002), a arte concebida dentro das discussões pós-coloniais expõe uma realidade nova diante das produções canônicas, pois quem enuncia ou se coloca à disposição das demais produções artísticas, é também o outro, o indivíduo da margem, que através dessa forma de expressão manifesta novas percepções e uma nova consciência, ignoradas e suprimidas pela manutenção dos interesses imperialistas. Segundo Aschcroft *et al* (2000), a teoria pós-colonial emerge a partir da incapacidade das teorias europeias em lidar adequadamente com a complexidade e variedade cultural da escrita pós-colonial, e serve de suporte para análise da produção literária desse período.

Reforçando esse pensamento, Thomas Bonnici (2007) enfoca que a crítica pós-colonial no contexto atual se constitui como uma abordagem alternativa empregada para compreender as relações coloniais e suas influências, abalando as estruturas de saber instituídas e gerando questionamentos que colocam no centro das discussões a realidade das sociedades que passaram pelo processo de descolonização. Através da literatura percebe-se que o discurso se desloca da periferia para o centro, revelando uma nova perspectiva direcionada às questões sociais e culturais que envolvem as sociedades afetadas pelo imperialismo europeu.

A crítica pós-colonial, portanto, abrange a cultura e a literatura, ocupando-se de perscrutá-la durante e após a dominação imperial europeia, de modo a desnudar seus efeitos sobre as literaturas contemporâneas. (BONNICI, 2007, p.267)

---

<sup>68</sup> A Literatura oferece uma das formas mais importantes nas quais essas novas percepções são expressas e é em sua escrita e através de outras artes como: pintura, escultura, música e dança que a realidade do dia-a-dia vividas pelos povos colonizados têm sido mais poderosamente codificada e tão profundamente influente. (Tradução Nossa)

Segundo Bonnicci (2009), os Estudos Pós-coloniais foram introduzidos na academia ocidental a partir da publicação do livro *Orientalismo*, do palestino Edward Said, em 1978, ganhando destaque com a obra *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-colonial Literatures*, dos australianos Bill Aschcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffins publicada em 1989. No primeiro texto são feitas análises e questionamentos acerca da imagem do Oriente produzida pelo Ocidente, e o segundo, aborda a relação entre o pós-colonialismo e a escrita literária. Nota-se, a partir desses textos, que Os Estudos Pós-Coloniais surgem como resposta aos anseios de povos outrora colonizados por espaço de voz, apoderando-se de questões sociais, políticas, econômicas e culturais para resistirem ao impacto do colonialismo. Assim, segundo Bannicci, Os Estudos Pós-Coloniais envolvem:

(1)O debate sobre as ex-colônias e a sua denominação versa sobre o arquivo temporal, ou seja, o tempo entre a independência do país e a atualidade, e sobre o arquivo ideológico, ou seja, a influência exercida por uma potência europeia desde o momento de sua invasão até a atualidade; (2) um novo modo de viver, típico de nossa época, chamado *dwelling-in-travel*. (BONNICCI 2009, p.23)

A literatura pós-colonial nasce a partir de uma consciência nacional, percebida nos países atravessados pela colonização, que busca produzir uma escrita com nuances próprias, abordando temas e estruturando o fazer literário partindo de pressupostos que reforcem as identidades específicas dessas nações, longe de interferências e de conjecturas imperiais. Aschcroft *et all* (2000) explica que o desenvolvimento dessa literatura passou por algumas fases, e as descreve desde seu surgimento, ainda no período colonial, até hoje.

Essas fases seguem desde a escrita produzida por representantes do poder imperial, durante a colonização, descrevendo o espaço colonial e suas interações de maneira estereotipada e depreciativa, e enfatizando a superioridade cultural do branco sobre o nativo, passando pela assimilação e imitação da escrita produzida pelo centro e sob sua supervisão, até a decisão de produzir uma literatura nacional. Aschcroft *et all* (2000) esclarece que apesar dos esforços em garantir uma escrita que desvelasse os contornos de opressão colonial, o modelo europeu literário e cultural ainda permanece como aquele canônico a ser seguido. Ou seja, a produção literária pós-colonial se constitui apenas como algo à parte das grandes produções, alocada à margem, em posição de subordinação.

The cultural hegemony has been maintained through canonical<sup>69</sup> assumptions about literary activity, and through attitudes to post-colonial literatures which identify them as isolated national off-shoots of English literature, and which therefore relegate them to marginal and subordinate position. (ASCHCROFT *et al*, 2000, p.7)

A resistência retórica surge, então, com o objetivo de desbancar essas noções de inferioridade e sujeição transferidas para o discurso literário. A língua como importante mediador das relações sociais, ao mesmo tempo, que se alia às estruturas hierárquicas de poder, estabelecendo noções de verdade, realidade e ordem, se volta contra esses aforismos quando utilizada como instrumento de reflexão e conscientização traduzido pela escrita literária. Para Helen Tiffin (2003), a descolonização é um processo que envolve a relação dialética entre o sistema central imperial e a tentativa de subvertê-los por parte dos sujeitos periféricos, como forma de desestabilizar o discurso hegemônico através de um contra discurso elaborado para tal fim.

Since it is not possible to create or recreate national or regional<sup>70</sup> formations wholly independent of their historical implication in the European colonial enterprise, it has been the project of post-colonial writing to interrogate European discourses and discursive strategies from a privileged position within (and between) two worlds; to investigate the means by which Europe imposed and maintained its codes in the colonial domination of so much of the rest of the world. (TIFFIN, 2003, p.95)

Uma das propostas dos Estudos Pós-Coloniais é questionar discursos que hierarquizam o poder e justificam a superioridade de uma nação sobre a outra. O contra discurso, tão defendido por Tiffin, constitui-se como um forte elemento de resistência, transgredindo aquele considerado tradicional, ao mesmo tempo em que

---

<sup>69</sup> A hegemonia cultural tem-se mantido através de paradigmas canônicos acerca das atividades literárias, e através de atitudes literaturas pós-coloniais que as identificam como ramificações isoladas nacionais de literatura Inglesa, e que, portanto as relegam a uma posição marginal e subordinada. (Tradução Nossa)

<sup>70</sup> Uma vez que não é possível criar ou recriar formações nacionais ou regionais totalmente independentes de sua implicação histórica na empresa colonial européia, isso tem sido o projeto da escrita pós-colonial para interrogar discursos europeus e estratégias discursivas de uma posição privilegiada dentro (e entre) dois mundos, para investigar os meios pelos quais a Europa impôs e manteve os seus códigos na dominação colonial de grande parte do resto do mundo. (Tradução Nossa)

possibilita a instauração de traços culturais que se perderam no caminho, mas que, contudo, não podem se regenerar por completo, devido ao seu caráter híbrido. Na escrita literária, além da resistência inscrita na composição da narrativa, na voz do narrador, na disposição das personagens e no desenvolvimento do enredo, existem estratégias textuais utilizadas para suplantar as disparidades promovidas pelo centro imperial.

As representações discursivas presentes na escrita literária que questionam o posicionamento imperial diante das nações colonizadas podem ser percebidas através de estratégias que permitem a subjetivação do colonizado produzidas por intermédio da palavra. Bhabha (1998) apresenta como forma de resistência discursiva os conceitos de *mímica* e de *civilidade dissimulada*. Ele problematiza essas questões marcantes no contra discurso colonial as quais se apresentam de maneira ambivalente e inscritas na produção literária do subalterno, apropriando-se das estruturas de representação do europeu e renegando-a, concomitantemente, num movimento dialético caro às pretensões imperiais.

O romance *Monkey Beach* foi escrito em língua inglesa, idioma do colonizador, seguindo padrões europeus de expressão artística. A autora se apodera de aspectos inerentes à cultura do Outro, como a arte literária, e apresenta, partindo do seu olhar, histórias, saberes, conflitos e lutas de seu povo através da escrita. Percebe-se, então, que o mesmo instrumento que se porta como mecanismo de objetificação - a língua - consegue se eximir de tal fardo ao ser utilizada como portavoz da resistência, manipulada e subvertida para este fim. Os conceitos de mímica e civilidade dissimulada podem ser constatados na feitura do romance, conferindo-lhe um aspecto transgressor mesmo seguindo padrões culturais do branco.

A mímica e a ironia são verificadas com clareza em vários momentos da obra, a exemplo, tem-se o instante em que Lisamarie e seu irmão Jimmy conversam sobre a possibilidade de ficarem ricos com fotografias inéditas que ele tiraria do *Sasquatch* (pé grande). Observa-se que o diálogo tem como foco a obtenção de dinheiro, forte símbolo de riqueza e poder do branco, que passa a ser também do índio. O tom irônico percebido nas linhas do trecho a seguir se revela tanto no desejo descomedido de aquisição financeira, quanto na má influência que a mídia pode exercer na visão de mundo do aborígine. Existe aí a reprodução de certos costumes do branco vivenciados pelo índio, porém, o que se revela por trás dessa imitação e

assimilação cultural do Outro é uma crítica dissimulada e velada, que aponta para um contra discurso sólido e consciente.

“I’m going to make us rich,” he said.<sup>71</sup>

I snorted. “How? You going to blackmail someone?” I’d been watching soaps with Ma-ma-oo and knew all about cheating husbands and wives who were photographed in awkward positions.” (ROBINSON, 2000, p. 9)

O discurso dissimulado e irônico produzido pela mímica é considerado por Bhabha (1998) como “uma das estratégias mais ardilosas e eficazes do poder e do saber coloniais”. Ela nasce da tensão entre a imposição cultural imperial e a necessidade de se estabelecer uma identidade própria por parte do colonizado. A mímica se constitui, contraditoriamente, dentro da noção de diferença, pois nasce do desejo de ser o mesmo, porém, distinto, reformulado, ou seja, estabelece o “sujeito de uma diferença que é quase a mesma, mas não exatamente” (BHABHA, 1998, p.130). Ao mesmo tempo em que imita, a mímica transgride, reelabora e desorganiza a normalização e a disciplina da autoridade colonial, causando um efeito profundo e perturbador.

A mímica é, assim, o signo de uma articulação dupla, uma estratégia complexa de reforma, regulação e disciplina que se “apropria” do Outro ao visualizar o poder. A mímica é também o signo do inapropriado, porém uma diferença ou recalitrância que ordena a função estratégica dominante do poder colonial, intensifica a vigilância e coloca uma ameaça imanente tanto para os saberes “normalizados” quanto para os poderes disciplinadores. (BHABHA, 1998, p.130).

Bhabha (1998) apresenta a ideia da *presença “parcial”* do indivíduo colonizado articulado pela mímica. Segundo ele, esse sujeito não só rompe com o discurso eurocêntrico, mas cria um contra-discurso permeado de incertezas, que, mesmo autorizado pelo poder regulador, procura reordena-lo, desestabilizando as estruturas disciplinadoras de maneira indireta e camuflada. O teórico aponta que o

---

<sup>71</sup> “Eu vou fazer a gente ficar rico,” disse ele.

Fiquei irritada. “Como? Você vai chantagear alguém?” Assisti muitas novelas com Ma-ma-oo e sabia tudo sobre maridos e esposas infiéis fotografados em situações embaraçosas.”(Tradução Nossa)

discurso da mímica é sempre produzido “no lugar da interdição”, ou seja: “um discurso na encruzilhada entre o que é conhecido e permitido e o que, embora conhecido, deve ser mantido oculto, um discurso proferido nas entrelinhas e, como tal, tanto contra as regras quanto dentro delas.” (BHABHA, 1998, p.135)

A escrita de fronteira, do entre lugar é característica marcante em *Monkey Beach*. Nele, divagam personagens de substância híbrida, indivíduos marcados pela transculturação, pelo embate entre o antes e o agora que envolvem as questões culturais. Em uma das conversas com sua avó, Lisamarie a questiona sobre o seu dom de falar com os mortos. Lisa sente um certo receio ao discutir sobre o tema, já que não encontra espaço para se manifestar sobre o assunto sem que seja contrariada. Entretanto, sua avó, ainda que rodeada por traços da cultura do branco, coloca-se como portadora da tradição e dos costumes de seu povo. Ela, então, dispõe-se a ouvir a neta, provida de todo o seu conhecimento da tradição de seus ancestrais, e esclarece a origem de suas experiências sobrenaturais, como se pode constatar a seguir:

“...What would it mean if you saw a little man?”<sup>72</sup>

“Guess you’re going to make canoes.”

I laughed. “I don’t think so.”

“No one makes them anymore”, she said. “Easier to go out and buy a boat. Old days don’t matter much now. Just old you back.”

“What else would it mean if you saw one?”

She touched my hair. “You seen one?”

I nodded.

“Ah, you have the gift, then. Just like your mother. Didn’t she tell you about it?”...

“She just said he was a dream.” (ROBINSON, 2000, p. 153)

---

<sup>72</sup> “...O que acontece se você vir o homenzinho?”

“Acho que você vai conseguir construir canoas.”

Sorri. “Acho que não.”

“Ninguém faz mais canoas,” ela disse. “É mais fácil sair e comprar um barco. As tradições não importam mais. Só te prende ao passado.”

“O que mais pode acontecer se você vir o homenzinho?”

Ela acariciou meu cabelo. “Você viu um?”

Acenei que sim.

“Ah, você tem o dom, então. Assim como sua mãe. Ela não lhe disse nada sobre isso?”...

“Ela só disse que ele era um sonho.” (Tradução Nossa)

Lisamarie recebia com certa frequência a visita do espírito da floresta quando criança e como consequência, algo desagradável e inesperado acontecia. Sua mãe sempre se esquivava de explicar o que lhe ocorria, procurando protegê-la de seu dom, ao invés de ensiná-la a conviver com ele, o que seria esperado, já que, como a filha, é descendente de aborígine e tem a mesma inclinação para se comunicar com os mortos. No trecho citado, pode-se perceber a forte interferência cultural do branco nas tradições aborígenes. Através do diálogo, sente-se a atmosfera daquilo que foi e não é mais. As tradições foram sendo suplantadas pela interferência do Outro, tornando-se obsoletas, substituídas pela praticidade do novo representado pelos costumes do colonizador. Existe, portanto, em suspenso, um desejo latente de se compreender como sujeito fronteiriço. Por este motivo, Lisamarie busca constantemente o convívio com sua avó e com seu tio Mick por sentir que há entre eles um canal que os interliga, algo que funciona, metaforicamente, como um portal que a mantém em contato com sua identidade de índio, que não a deixa esquecer de suas origens.

Seguindo com os conceitos de Bhabha (1998) sobre as estratégias discursivas na escrita do subalterno, tem-se ainda a noção de *civilidade dissimulada*. Segundo o teórico, essa se revela de maneira ambivalente e contraditória, pois inscreve relações de poder diferenciais e hierárquicas entre colonizador e colonizado, demonstrando incompatibilidade entre a enunciação e a realidade. Ao proclamar o discurso da civilidade no qual difunde a ideia de liberdade e o senso de ética em um contexto de sujeição, o discurso colonial se torna duplo, rasurado, quando instituído sob a justificativa do progresso. A democracia se constitui, contraditoriamente, como um “déspota vigoroso” (BHABHA, 1998, p.145), ávido pelo controle e vigilância imperial. As arbitrariedades próprias desse contexto serão, então, questionadas com a cisão estratégica do discurso imperial pelo colonizado, ao interpelar a ação colonizadora como autocrata.

A resistência dos nativos representa uma frustração daquela estratégia de vigilância do século dezenove, a *confissão*, que procura dominar o indivíduo “calculável” postulando a verdade que o sujeito possui, mas não sabe. O nativo incalculável cria um problema para a representação civil no discurso da literatura e da legalidade. (BHABHA, 1998, p.147)

O termo *civilidade dissimulada*, observado em um dos sermões do Arquidiácono Potts em 1818, citado por Bhabha (1998), representa a conduta do “nativo incalculável” em subverter as imposições normatizadoras do centro imperial, apresentando uma recusa em se adequar aos moldes narrativos impostos pelo colonizador, alicerçados pelas ideologias de evolução e progresso, facilmente questionáveis pelo olhar do colonizado. A representação civil da resistência ocorre, em contrapartida, obedecendo à prerrogativa do revide, através de um discurso dissimulado, disfarçado, que se utiliza de artifícios próprios da língua para dizer o não dito, o além do que se espera nas narrativas legitimadas pelo poder eurocêntrico.

At Mick’s funeral, the casket was closed. The picture on his coffin<sup>73</sup> was a blurry black-and-white from his basketball days, when he was sixteen or seventeen, trophy in one hand, smiling into the camera, confident, young and clean-cut. He had never talked about his glory days as a most valuable player. The picture wasn’t the Mick I knew. I sat in the front row of folding chairs and stared at the picture, thinking: that was the person Mom had dated. (ROBINSON, 2000, p.141)

Após a morte de Mick, Lisamarie passou a conhecer uma parte da vida de seu tio que ele próprio preferira esquecer. O Mick que conhecera se afigurava de uma maneira bastante divergente daquela representada pela fotografia em seu caixão. Durante algum tempo, Mick tentou se enquadrar ao papel social adequado aos garotos de sua idade e na sua condição de índio. Estudou em uma *Residential School*, entrando em contato mais próximo com a cultura do branco e destacou-se em práticas esportivas, ganhando muitas medalhas e troféus, procurando, sempre que possível, ajustar-se às circunstâncias que o envolviam. Observa-se, neste momento, uma busca dissimulada por assemelhar-se ao Outro, pois coisa alguma realmente importava a Mick. Essa afirmação pode ser verificada em uma reflexão de Lisa sobre a disputa pela posse dos prêmios esportivos de Mick por suas duas tias: “I knew Mick wouldn’t care as long as he got his cigarettes”<sup>74</sup> ( ROBINSON, 2000,

<sup>73</sup> No funeral de Mick, o caixão estava fechado. A fotografia que havia nele era em preto e branco, desfocada, da sua época de basquete, quando tinha dezesseis, dezessete anos, troféu em uma das mãos, sorrindo para as câmeras, confiante, jovem e bem cuidado. Ele nunca havia falado sobre seus dias de glória como um dos mais inestimáveis jogadores. Sentei em umas das cadeiras dobráveis da fileira da frente e olhei fixamente para a fotografia, pensando: essa é a pessoa que mamãe se relacionou.

<sup>74</sup> Eu sabia que Mick não se importaria, contanto que tivesse seus cigarros.”

p.148)

A imagem do jovem índio atleta, estimado e admirado sob o prisma da cultura do branco representada fisicamente por medalhas e troféus valia-lhe menos que um maço de cigarros. A *civilidade dissimulada* defendida por Hall (1998) se move em liberdade dentro da escrita de *Monkey Beach*. Aproveitando ainda o trecho da obra citado anteriormente, percebe-se que o paradigma de sucesso e felicidade do branco representado pela figura do bom moço e, mais especificamente, do selvagem adaptado e civilizado, é rejeitado por Mick. Existe aí uma subversão do padrão, Mick prefere esconder seu passado de suposta glória, renunciando-o para justamente contrapô-lo na luta pela preservação dos traços culturais de seu povo e por seus direitos, ao juntar-se à movimentos sociais em prol dos aborígenes.

Reinterando as proposições de Bhabha sobre a resistência discursiva observada na produção literária, Aschcroft *et al* (2000) explica que a escrita colonial se define a partir da cisão da língua do centro imperial e a sua reorganização no espaço colonizado. A língua eurocêntrica sofre variações nacionais e regionais de acordo com o contexto no qual se apresenta, já que é determinada pelas condições e experiências sociais. Existem dois tipos de estratégias textuais definidas por Aschcroft *et al* que representa a busca pela autenticidade da escrita do subalterno, mas não aquela realçada pelo poder colonizador, e sim, a feita pela composição do inautêntico, do marginalizado. Esses conceitos são a ab-rogação e a apropriação. Assim, ele define:

The first, the abrogation or denial of the privilege of 'English'<sup>75</sup> involves a rejection of the metropolitan power over means of communication. The second, the appropriation and reconstitution of the language of the centre, the process of capturing and remoulding the language to new usages, marks a separation from the site of colonial privilege. (ASCHCROFT *et al*, 2000, p.37)

Esses dois conceitos devem estar interligados e conectados para que o intuito de se estabelecer a resistência contra o controle discursivo seja alcançado. A ab-

---

<sup>75</sup> A primeira, a revogação ou a negação do privilégio do "Inglês" envolve uma rejeição do poder metropolitano sobre os meios de comunicação. O segundo, a apropriação e reconstituição da língua central, o processo de captura e remodelagem da linguagem para novos usos, marca uma separação do local de privilégio colonial. (Tradução Nossa)

rogação é entendida, então, como uma negação das categorias da cultura imperial, sua estética, sua insistência em manter um padrão correto e normativo da linguagem, bem como a recusa de pressupostos que pregam significados fixos e tradicionais inscritos nos signos linguístico. A apropriação, em contrapartida, é um processo no qual a língua é utilizada como ferramenta de expressão cultural, apresentando um mosaico de possibilidades linguísticas marcadas pelo sincretismo e hibridismo das culturas colonizadas.

Tanto a ab-rogação quanto a apropriação se fazem presentes na obra analisada. Existe a subversão tanto do modelo padrão da escrita literária canônica, quanto de estruturas gramaticais da língua oficial e, ainda, a inserção de palavras da língua do povo Haisla. O enredo é construído dentro de várias temporalidades, passado e presente se intercalam constantemente, diferenciando-se pelo tempo verbal das frases. Em meio à composição da narrativa, podem ser encontrados descritos temas que aparecem repentinamente, como receitas para se chegar à compreensão de algo que parece incompreensível àqueles que não fazem parte da realidade indígena, causando a sensação de estarem ali para tentar explicar o inexplicável aos olhos do Outro.

Contacting the dead, lesson one. Sleep is an altered state of<sup>76</sup> consciousness. To fall asleep is to fall into a deep, healing trance. In the spectrum of realities, being awake is on one side and being asleep is way, way on the other. To be absorbed in a movie, a game, or work is to enter a light trance. Daydream, prayers or obsessing are heavier trances. Most people enter trances reflexively. To contact the spirit world, you must control the way you enter this state of being that is somewhere between waking and sleeping. (ROBINSON, 2000, p.139)

Estas “receitas” são dispostas como algo a parte do texto, como se preparasse o leitor para a compreensão do que irão encontrar posteriormente. Essa composição da narrativa parece ser bastante incomum em textos produzidos e

---

<sup>76</sup> Comunicando-se com os mortos, parte um. Dormir é um estado alterado de consciência. Adormecer é entrar em transe profundo e terapêutico. No espectro das realidades, estar acordado é está em um lado e está dormindo é está distante, em outro. Estar absorto em um filme, um jogo ou no trabalho é entrar em transe leve. Sonhar acordado, orações ou obsessões são trances mais profundos. A maioria das pessoas entra em transe reflexivamente. Para se comunicar com os espíritos do universo, você precisa controlar o momento em que você se encontra meio acordado, meio dormindo. (Tradução Nossa)

aclamados pelo centro. Outro ponto importante a ser observado, é o uso da língua. Esta sofre modificações tanto na estrutura quando na escrita das palavras, evidenciando a identidade híbrida dos interlocutores. Além disso, consegue-se perceber um discurso da resistência, em que o idioma oficial torna-se rasurado, subvertido e mesclado com o idioma aborígene, representando a escrita de fronteira.

He said he wanted to give Mom a rest, so made breakfast. It was just<sup>77</sup> scrambled eggs, but she pinched his cheek and said it was the best breakfast she'd had in ages. He looked annoyed and said he didn't need to be babied any more.

"What oo say?" Mom said, in a high, sweet singsong. "Oo don't wike me tawk-"

Mick lifted her up and ran down to the beach. Mom squawked and hit him. "You do and You're dead, mister! You hear me?" (ROBINSON, 2000, p. 119)

Neste trecho do romance, a estrutura gramatical oficial cede lugar à maneira de falar dos índios, priorizando a sonoridade da frase, usando os sons próximos aos existentes na língua do povo *Haisla*. Os personagens dialogam entre si dentro das fronteiras territoriais de seu povo utilizando o idioma do colonizador, porém verifica-se que não existe a preocupação em seguir normas, e sim o interesse de romper com paradigmas linguísticos considerados autênticos e genuínos e demonstrar uma identidade linguística própria daquela realidade modificada pela ação do branco.

A literatura pós-colonial é construída, portanto, partindo da relação entre a ab-rogação da língua do colonizador, que fala a partir do centro, e a apropriação, responsável por trazer, sob a orientação da língua vernácula, influências linguísticas que reconfiguram o idioma eurocêntrico, estabelecendo uma ligação mais estreita entre o sujeito e o lugar ao qual pertence. Segundo Aschcroft *et all*, a natureza sincrética e híbrida da experiência colonial refuta a posição privilegiada de um código linguístico padrão, assim como, a visão singular e unificada da experiência humana.

---

<sup>77</sup> Ele disse que queria que mamãe descansasse, então fez o café da manhã. Eram apenas ovos mexidos, mas ela apertou suas bochechas e disse era o melhor café da manhã que ela tomava em anos. Ele olhou para ela aborrecido e disse que não precisava mais ser mimado. "O que cê disse?" Mamãe disse cantarolando alto e docemente. "Cê não gostou do que eu falei-" Mick a levantou e correu pela praia. Mamãe esperneou e bateu nele. "Faz isso e é um homem morto, senhor! Tá ouvindo? (Tradução Nossa)

Therefore the English language becomes a tool with which a 'world'<sup>78</sup> can be textually constructed. The most interesting feature of its use in post-colonial literature may be the way in which it also constructs difference, separation, and absence from the metropolitan norm. But the ground on which such construction is based is an abrogation of the essentialist assumptions of that norm and a dismantling of its imperialist centralism. (ASCHCROFT *et al*, 2000, p.43)

A subversão do uso da linguagem imposta pelo centro desempenha um papel importante no campo discursivo, pois interfere na maneira pela qual os grupos sociais periféricos passam a entender a diferença. Entenda-se diferença não como algo estereotipado e inferior, mas como aquilo que é próprio das relações transnacionais e transculturais, desempenhando um importante papel na elaboração do sentimento de pertencimento a um lugar, a um povo, ou seja, na constituição identitária do sujeito híbrido. A reconstrução da história silenciada através da escrita literária se tornou possível devido ao olhar crítico do subalterno diante das imposições culturais que lhes foram impostas, e à decisão de narrar por si os eventos que marcam a sua caminhada.

#### 4.3 O DISCURSO LITERÁRIO E AS RELAÇÕES DE PODER E RESISTÊNCIA

*"I'll make you a warrior yet," Mick said,<sup>79</sup>  
punching Dad's shoulder. (ROBINSON,  
2000, p. 31)*

O discurso, segundo Foucault (1999), é controlado pelo poder que gerencia as relações sociais as quais permeiam espaços e temporalidades. Segundo ele, o discurso jaz no entorno da experiência humana, regulado por padrões políticos, sociais e ideológicos, que produzem certos procedimentos que garantem a sua manutenção. Tais procedimentos são instituídos por mecanismos da exclusão, que

<sup>78</sup> Portanto, a Língua Inglesa torna-se um instrumento do qual um 'mundo' pode ser textualmente construído. A característica mais interessante do seu uso na literatura pós-colonial pode ser o caminho no qual também se constrói a diferença, separação e ausência da norma metropolitana. Mas o terreno no que tal construção se baseia é uma revogação das hipóteses essencialistas daquela norma e um desmantelamento de seu centralismo imperialista. (Tradução Nossa)

<sup>79</sup> "Ainda farei de você um guerreiro," Mick disse ao papai acertando seu ombro. (Tradução Nossa)

podem ser externos ou internos ao discurso. Partindo desse ponto de vista, Foucault (1999) lança uma hipótese que permeia a sua teoria em *A Ordem do Discurso*:

...suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1999, p. 8)

Os mecanismos externos ao discurso são estabelecidos, segundo o teórico, pela *interdição, separação ou rejeição* e, ainda, pela *vontade de verdade*. Já os internos, em que o próprio discurso exerce controle sobre si, são compostos pelo *comentário, princípio do autor* e pela *disciplina*. Apesar de serem, agora, apresentadas as categorias que estruturam a exclusão inscrita no discurso, e que mantêm a perpetuação do poder de quem o detém, a pesquisa em questão limitar-se-á a análise apenas do mecanismo externo da interdição.

Segundo Foucault (1999), a interdição é a mais clara demonstração de exclusão prescrita pelo discurso. Através dela, as manifestações que vão de encontro ao que foi estipulado pelo sistema de poder regulador são censuradas. Assim, o discurso longe de ser um elemento neutro de expressão, torna-se aquele que controla e disciplina a enunciação. Foucault (1999) cita três tipos de interdições que juntas reforçam a manutenção das estruturas de poder: *o tabu do objeto, o ritual da circunstância* e *o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala*. Todas elas, ao interferirem no discurso, explicitam ainda mais a relação deste com o poder e o desejo. Foucault, então, afirma que o discurso:

Não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo, é, também, aquilo que é o objeto de desejo e visto que – isso a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar. (FOUCAULT, 1970, p.10)

Percebe-se, desta forma, que o discurso opera não só como instrumento, mas como fim, atuando como ferramenta de controle e de poder. Foucault (1999) destaca

que as dimensões mais afetadas pela interdição discursiva são a da sexualidade e a da política. No caso do trabalho proposto, a dimensão política, em termos de controle e sujeição colonial, será a perspectiva a ser abordada.

Tratando-se especificamente do discurso colonial, nota-se que este se encontra intimamente ligado ao desejo de poder descrito por Foucault. A interdição aplicada à voz dos sujeitos colonizados se faz perceber quando o colonizador legitima o seu discurso como a manifestação plena da verdade, podendo apenas ser proferido por si e por aqueles que se reconhecem como indivíduos civilizados, adquirindo, portanto, o poder exclusivo do discurso. Assim, a destituição da possibilidade de expressão por parte do colonizado facilita a manutenção do *status quo* do colonizador, que direciona o discurso segundo seus valores e padrões sociais, impostos aos povos dominados.

Silviano Santiago (2000), afirma que a imposição europeia dos códigos linguístico e religioso facilita sobremaneira o estabelecimento do poder imperial. Através da imposição da língua europeia e dos valores cristãos, o discurso colonial ganha corpo e passa a vigorar como signo da verdade inquestionável. Ele afirma: “Evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta.” (SANTIAGO, 2000, p.14). No caso específico do Canadá, as missões e, posteriormente, os reformatórios são instituídos como produtores e disseminadores de saberes e preceitos do branco, prescritos como verdade única, além de promoverem a imposição do idioma europeu.

A enunciação discursiva europeia que interdita a voz do outro, do colonizado, e que tenta universalizar seus códigos e símbolos passa, assim, a vigorar nas Américas, transformando-as em “cópia, simulacro, que se quer mais e mais semelhante ao original” (SANTIAGO, 2000, p.14). O discurso colonial, e posteriormente o discurso imperialista, consegue se estabelecer no cenário das relações intercontinentais gerando a elaboração de estereótipos que vão sendo cristalizados no imaginário dos sujeitos participantes do contexto da colonização. Entretanto, após um longo período de silêncio e assimilação cultural, as reações anti-imperialistas começam a ganhar forma no campo discursivo, manifestado através de teorias que abarcam a saga dos povos colonizados, assim como de sua

expressão através da arte. Assim, no período pós-imperialismo, “falar, escrever significa: falar contra, escrever contra.” (SANTIAGO, 2000, p. 17)

Edward Said (2011) assinala mudanças na perspectiva discursiva que envolvem as relações de poder entre colonizador e colonizado no pós-imperialismo. Questionamentos acerca do conceito de verdade, a elaboração de teorias que desconstruem as estruturas discursivas de poder historicamente instituídas e a enunciação do subalterno, em especial através da arte, vem proporcionando uma resistência ideológica contra esse sistema de dominação discursivo.

Exatamente como o imperialismo em seu período de triunfo tendia a autorizar apenas um discurso cultural formulado em seu interior, hoje o pós-imperialismo permite sobretudo um discurso cultural de desconfiança por parte dos povos ex-colonizados, e de absenteísmo teórico, quando muito, por parte dos intelectuais metropolitanos. (SAID, 2011, p. 306)

Said (2011) esclarece ainda que essa mudança de parâmetros, ou seja, essa tomada de consciência do poder de voz das margens gera “uma tremenda e desconcertante mudança de perspectiva na relação entre Ocidente e não Ocidente” (SAID, 2011, p.310), a releitura de clássicos sob o olhar do colonizado e, como visto anteriormente, teorias questionadoras que eclodem da periferia, além da produção artística que porta um discurso próprio, ou seja, reacionário reclamam para si o poder discursivo e, concomitantemente, um espaço em que a subjetivação do sujeito periférico seja elaborada e instituída, a partir dos estilhaços deixados pela ação imperial.

Os escritores pós-imperiais do Terceiro Mundo, portanto, trazem dentro de si o passado – como cicatrizes e feridas humilhantes, como uma instigação a práticas diferentes, como visões potencialmente revistas do passado que tendem para um futuro pós-colonial, como experiências urgentemente reinterpretáveis e revivíveis, em que o nativo outrora silencioso fala e age em território tomado pelo colonizador, como parte de um movimento geral de resistência. (SAID, 2011, p.332)

Os nativos, segundo Said, reivindicam esse espaço de voz, que encontra terreno fértil na escrita literária. Porém, para muitos ocidentais, essa reconstrução das representações simbólicas do colonizado são consideradas uma ofensa intolerável. O teórico, contudo, assinala a importância desse mecanismo de expressão dos artistas não europeus, pois estes se integram, de certa maneira, a um movimento político que busca reavaliar as interações que abarcam as relações entre brancos e não brancos.

...o escritor segue assumindo cada vez mais atributos oposicionistas em atividades como a de dizer a verdade diante do poder, ser testemunha da perseguição e sofrimento, além daquele de dar voz à oposição em disputas contra a autoridade. (SAID, 2000, p.29)

Pode-se visualizar, então, através da arte literária, um horizonte que oportuniza a subjetivação do sujeito da margem, já que, como apresenta Said (2000), o escritor não europeu se utiliza da escrita como espaço de enunciação, onde a resistência à opressão e o testemunho dela se organizam e denunciam as arbitrariedades sofridas pelas culturas subjugadas no longo percurso da história. O artista se apodera desse espaço simbólico para reconstruir sua subjetividade, para falar de si por si mesmo, sem intermediações.

Partindo para a análise de *Monkey Beach*, observando os discursos que atravessam a obra, observa-se a presença tanto do poder regulador colonial quanto da sua subversão. Uma mistura de vozes se articula em sua escritura, atribuindo ao romance uma estética em que a contenda interdiscursiva revela sutilmente as cicatrizes deixadas pela ação colonial nas nações aborígenes canadenses.

O discurso do poder colonial é percebido na obra de várias formas. Uma delas se relaciona à mudança de concepções, observada na maioria das personagens, acerca de suas próprias tradições. Sabe-se que através de iniciativas de assimilação cultural, valores, crenças e até mesmo a língua foram sofrendo gradualmente um processo de apagamento, quando não, de aglutinação à cultura do branco, enfrentando perdas significativas. Apesar de se fazerem presentes fortes elementos culturais do índio em *Monkey Beach*, estes são constantemente atravessados pela interdição, observada, no texto, através dos silêncios ou de

justificativas concretas para aquilo que não pode ser explicado pela cultura do branco.

As experiências ligadas ao sobrenatural e os sentidos que vão além das percepções reconhecidas pela cultura do branco se integram ao universo simbólico das tradições e costumes dos Primeiros Povos canadenses. Lisa é herdeira de um dom que há muito fora considerado como bênção por seus ancestrais, o dom da premonição através da capacidade de se comunicar com os mortos. Ela herdara tais poderes de sua mãe que, por conseguinte, herdara de sua avó, que fora xamã em vida.

Entretanto, as experiências transcendentais de Lisa são encaradas, hoje, como um tabu. O discurso do poder colonial que permeia a realidade dos aborígenes foi tão fortemente disseminado entre esses povos, especialmente, por meio da educação e imposição religiosa, que elementos importantes de coesão cultural e identitária, como ritos e tradições espirituais, foram sendo substituídos por explicações racionais e tratados como algo obscuro, dissociados do conceito de verdade edificado pelo branco.

All the people know the old ways are gone. Anyone else is doing it in<sup>80</sup> secrete these days. But there's good medicine and bad. Best not to deal with it at all if you don't know what you're doing. (ROBINSON, 2000, p.154)

Acima, Lisa e sua avó conversam sobre a possibilidade de abrirem algum canal de comunicação com o espírito de seu tio Mick. Infere-se, pela fala da anciã, que os costumes do passado foram suprimidos pela ação do branco. Existe em suspenso o receio de salvaguardar as origens nativas, receio motivado pelo discurso do poder que desautoriza a legitimidade das tradições autóctones. O silêncio e a interdição habitam os espaços de manifestação cultural dos índios, estes, portanto, veem-se obrigados a praticar sua ancestralidade com ressalvas, quando não, a ocultá-las.

---

<sup>80</sup> Todos sabem que as tradições se perderam no tempo. Quem ainda faz uso delas, faz em segredo hoje em dia. Mas existem magias boas e ruins. Melhor não mexer com elas se não soubermos realmente como usá-las. (Tradução nossa)

Os estereótipos propagados pelo discurso do poder colonial são, também, verificados na obra. A representação simbólica do nativo como sujeitos exóticos, não civilizados, e que precisam de ajuda e apoio para encontrarem o caminho da verdade, ou seja, o caminho da civilização, é percebida na obra. A imagem dos nativos há muito forjada pelo branco, possivelmente com o propósito de desestabilizar as formas de reconhecimento e identificação daqueles, ainda hoje se encontra viva, embutida no olhar discriminador direcionado a povos de etnia aborígene.

Once, while we were sitting there, a blue BMW slowly drove past us<sup>81</sup>, with three little blonde kids pressing their faces against the windows, their eyes round as they stared at us as if we were dangerous animals in a zoo. The adults excitedly pointed at us. (ROBINSON, 2000, p.218)

Após o dia inteiro na escola, Lisa e Pooch resolvem sentar nos degraus da igreja para conversarem e fumarem, discretamente, tentando não levantarem suspeitas sobre seu pequeno ato de contravenção. Enquanto aproveitam o resto do dia livre, são envolvidos na situação citada acima, que parece já ter se tornado banal. Não lhes proporcionou nenhuma surpresa. O olhar do outro para si, o olhar da diferença, mas não aquela que marca positivamente identidades distintas, mas sim que produz estranheza e distanciamento, afigura-se como algo inerente à condição de índio.

Outra situação a qual a imagem do aborígene é concebida negativamente pelo branco, partindo de um discurso colonial, que ao diminuir o outro se fortalece, é representada no texto pelo preconceito contra a mulher indígena, que se evidencia quando é tratada como objeto de uso do branco. Pode-se inferir, pelo diálogo que se segue, que o índio não consegue alcançar, ainda, o status de pessoa humana. São como alienígenas em terras onde a civilização toma corpo, excêntricos, enigmáticos e, portanto, causam estranhamento. Desta forma, são rejeitados, enfrentam a invisibilidade. A mulher, duplamente colonizada, pelo europeu e pelo patriarcado, é

---

<sup>81</sup> Uma vez, enquanto estávamos sentados lá, uma BMW azul passou por nós vagarosamente, com três crianças loiras pressionando seus rostos contra os vidros da janela, seus olhos se arregalavam enquanto nos fitavam, como se fossemos animais do zoológico. Os adultos apontavam para nós eufóricos. (Tradução Nossa)

também duplamente repudiada, e sente como ninguém o peso de sua condição de mulher e de índia.

“Lisa”, Aunt Trudy said, “you have to be more careful.”<sup>82</sup>

“About what?”

“Those guys would have killed you.”

“It was broad daylight,” I said. “And there were tons of witnesses. They wouldn’t have done anything.”

“Honey”, she said, “if you were some little white girl, that would be true. But you’re mouthy Indian, and everyone thinks we’re born sluts. Those guys would have said you were asking for it and got off scot free... no one would have cared. You would have been hurt or dead, and no one would have given a flying fuck.” (ROBINDON, 2000, p. 255)

No excerto acima, Trudy conversa com sua sobrinha Lisa sobre o episódio em que essa enfrentara um grupo de homens brancos prestes a atacar sua prima Erica, nas ruas da cidade de Terrace, próximo à reserva. Lisa encarna o espírito guerreiro e enfrenta com ferocidade os agressores. Logo abaixo, será retomado o momento da discussão na qual Lisa se envolvera. Percebe-se, nesse momento da obra, um entrecruzar de discursos, que, por um lado, sustenta a condição de subalternidade do nativo, mas que por outro, revela a voz da resistência, quando Lisa revida, diz não ao recolhimento, destitui a imagem simbólica de passividade e abnegação da mulher nativa.

---

<sup>82</sup> “Lisa,” disse tia Trudy, “você tem que tomar mais cuidado.”

“Com o quê?”

“Aqueles caras poderiam ter te matado.”

“Estava em plena luz do dia,” eu disse. “E havia muitas testemunhas. Eles não teriam feito nada.”

“Querida,” disse ela, “se fosse uma garotinha branca, isso certamente aconteceria. Mas você é apenas uma índia encrenqueira, além disso, todos pensam que nascemos vadias. Aqueles caras diriam que você pedira por isso e se livrariam fácil... ninguém realmente se importaria. Você seria machucada ou morta, e ninguém daria a mínima.” (Tradução Nossa)

I noticed a car following her. A young white guy stuck his head out<sup>83</sup> of the passenger's side of the car and invited her in, they'd show her a good time...Erica turned on her heel and walked back towards me. They pulled a U-turn and the driver called out that he'd teach her how to fuck a white man.

"Yeah?" I yelled out. "With what, you dickless wonder?"

The car stopped ten feet from me.

"Hey, looky, looky, we got a feisty little squaw on our hands," the driver said.

"Looky, looky" I said. "The dickless wonder can speak. I thought guys like you just grunted.

"You fucking watch your mouth , cunt."

"Yeah, you're so brave with a girl, aren't you, ass-wipe? Can't stand up to someone your size, can you? Cowards like you gotta pick on girls to feel like men."

...Everyone else on the street was ignoring us. (ROBINSON, 2000, p.250)

Lisa decide não mais silenciar, coloca-se em uma posição não de igualdade, mas sim de superioridade, diante do branco. O animal que grunhe, o bizarro, não mais representa o índio, neste momento, e sim o Outro. O enunciador se apodera do discurso quando transforma o espaço simbólico da narrativa em local de contestação, de reconstrução identitária. Lisa se porta, aí, como uma guerreira, que aceita o desafio de lutar pela integridade física e moral de sua prima, que se estende às demais de sua etnia, é um momento de catarse, momento de balançar as estruturas de representação aos quais foram submetidas.

---

<sup>83</sup> Notei um carro seguindo-a. Um homem branco colocou a cabeça para fora do vidro do lado do passageiro e a convidou para entrar, pois eles iriam dar-lhe um pouco de diversão...Erica virou-se e caminhou de volta em minha direção. Eles fizeram o retorno e, ao encontrarem-na novamente, o motorista falou bem alto que iria ensinar-lhe a transar com um homem branco.

"Sério?" Gritei. "Com o quê, sua bizarrice sem pau?"

O carro parou a poucos metros de mim.

"Ei, olha, olha, temos uma indiazinha briguenta em nossas mãos," disse o motorista.

"Olha, olha," eu disse. "A bizarrice sem pau fala. Pensei que caras como vocês só grunhiam."

"Cuidado com o que fala, sua vadia.

"Sim, você é tão corajoso diante de garotas, não é? Não pode com ninguém do seu tamanho, não é mesmo? Covardes como vocês precisam assediar garotas para se sentirem macho."

Todos estavam completamente alheios ao episódio. (Tradução Nossa)

A busca pela autenticidade cultural do índio, além de sua valorização identitária é revelada na obra através do esforço constante da narradora-protagonista em afirmar suas raízes, em estar próxima daqueles que, assim como ela, não conseguem se adequar à estrutura social do branco. Lisa tem em seu tio a imagem do guerreiro, que luta em favor de seu povo contra a completa aniquilação cultural. Assim como ele, Lisa sente a necessidade de encarnar o espírito guerreiro de seus ancestrais, com o propósito de assegurar o revide, a contestação frente às ações coercitivas do centro imperial. Segue, então, a passagem em que Lisa manifesta a seu tio Mick o desejo de ser como ele.

“I want to be a warrior.”<sup>84</sup>

“A warrior, huh?”

“I do! I don’t care what you think.”

His smile faded. “Fighting didn’t get me anything but scars.”

”But you did things!” (ROBINSON, 2000, p.96)

O contra discurso, defendido por Tiffin (1995) se organiza na escrita literária através do uso de estratégias linguísticas e estilísticas articuladas a um enunciador que se revele, por trás do discurso do poder, através de uma voz que o sobrepuje, que reestruture as formas de representação do índio. Em *Monkey Beach*, essa voz denuncia, reage, mesmo quando representa o discurso do Outro. Verifica-se, portanto, um duelo interdiscursivo, em que o enunciador apresenta o contexto marcado pela assimilação cultural do branco, ao mesmo tempo em que, sutilmente, expõe as consequências negativas não só na constituição identitária desses povos, mas também os efeitos irreversíveis em sua cultura autóctone.

No trecho abaixo, tem-se mais uma personagem que representa o espírito de luta contra a dominação cultural. Percebe-se, na fala de Cookie, uma inversão dos valores impostos pelo branco. Ela consegue desestruturar o discurso religioso diante do papel da mulher, em especial da nativa, na sociedade controlada pelo branco.

---

<sup>84</sup> “Eu quero ser uma guerreira”

“Uma guerreira, hein?”

“Sim, eu quero! Não me importo com o que você pensa.”

Seu sorriso se esvaiu. “Lutar não me rendeu nada, a não ser muitas cicatrizes.”

“Mas você fez algo.” (Tradução Nossa)

Toda a ideologia que acompanha o comportamento que se espera de uma dama, educada aos moldes cristãos, é desnudada por Cookie e rejeitada por ela. A índia não só repudia a situação em que fora obrigada a se submeter, como se orgulha de sua natureza, de sua origem, que aí sim, porta valores autênticos, segundo a mesma.

“Cookie got kicked out of three residential schools. At the last one –<sup>85</sup> guess she was fourteen – this nun kept picking on her, trying to make her act like a lady. Cookie finally got sick of it and started shouting, ‘You honkies want women to be like cookies, all sweet and dainty and easy to eat. But I’m a fry bread, you bitch, and I’m proud of it.’” (ROBINSO, 2000, p. 145)

O contra discurso, defendido por Tiffin (1995) se organiza na escrita literária através uso de estratégias linguísticas e estilísticas articuladas a um enunciador que se revele, por trás do discurso do poder, através de uma voz que o sobrepuje, que reestruture as formas de representação do índio. Em *Monkey Beach*, essa voz denuncia, reage, mesmo quando representa o discurso do Outro. Verifica-se, portanto, um duelo interdiscursivo, em que o enunciador apresenta o contexto marcado pela assimilação cultural do branco, ao mesmo tempo em que, sutilmente, expõe as consequências negativas não só na constituição identitária desses povos, mas também os efeitos irreversíveis em sua cultura autóctone.

---

<sup>85</sup> “Cookie foi expulsa de três reformatórios, na última vez – acho que ela tinha quatorze anos – havia uma freira que pegava no pé dela constantemente, tentando fazê-la se comportar como uma dama. Cookie finalmente se irritou com tudo aquilo e começou a gritar, ‘Vocês, suas branqueiras, querem que as mulheres sejam como biscoitos, todas muito doces e saborosas e fácil de comer. Mas eu sou um pão frito, sua megera, e com muito orgulho.’” (Tradução Nossa)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Monkey Beach* se estrutura dentro de um contexto em que as negociações culturais entre centro e periferia se apresentam de maneira desigual. Assim, a obra se organiza enquanto espaço onde essas disparidades possam ser reavaliadas e questionadas. A escolha dos elementos estéticos e o contra discurso colonial, que se contrapõe ao tradicional também presente na obra, elaboram uma escrita de resistência, que utiliza a estrutura linguística e a expressão artística do branco para redirecionar conceitos acerca de símbolos e formas de representação e identificação do aborígine, além de denunciar as consequências da imposição e, conseqüentemente, da assimilação cultural imposta aos povos autóctones.

*Monkey Beach* traz, em especial, um discurso que contraria aquele produzido pelo poder, quando apresenta a realidade vivenciada pelos povos das Primeiras Nações canadenses no contexto contemporâneo. Os nativos vêm enfrentando uma verdadeira aniquilação de seus costumes e valores através de iniciativas voltadas para o seu enquadramento dentro da sociedade civilizada canadense. As *Residential Schools*, como visto anteriormente, foram as principais responsáveis pela supressão linguística e espiritual desses povos, proporcionando, ainda hoje, um sentimento de dor e desestabilidade psicoemocional entre os que delas fizeram parte. Seus reflexos são sentidos também em toda a sociedade aborígine, já que a língua e a cultura do Outro, agora, faz parte da realidade desses povos, assim como, em vários casos, o sentimento de inadaptação e contradição entre a vivência da sua cultura original e a imposta.

Essa tensão causada pela transculturação resultante da ação colonial é expressa, especialmente, pela trajetória da narradora protagonista Lisamarie Hill que vive constantemente em conflito e desarmonia dentro de sua própria comunidade nativa. A maior parte das pessoas com as quais se relaciona optou pelo estilo de vida do branco ocidental. Pode-se perceber que alguns traços culturais são mantidos por eles, porém a assimilação cultural se encontra tão fortemente estabelecida que predomina o estilo de vida do colonizador.

Lisa, entretanto, mesmo inserida nesse cenário, não se adequa a esse padrão cultural, particularmente porque nasceu com o dom de seus ancestrais de se

comunicar com seres de outras dimensões, o que lhe garantia o poder da premunição. Além disso, herdou de seu tio Mick o espírito guerreiro e questionador, o que fortaleceu ainda mais a busca por suas raízes e a contestação das verdades instituídas pelo discurso do branco. Lisa, ao sair à procura de seu irmão, passa a refletir também sobre si, sobre seu lugar em um espaço marcado pela hibridização cultural e, principalmente, sobre sua identidade.

A interferência cultural do branco nas sociedades nativas, particularmente, no Canadá gerou uma série de consequências que desestruturou costumes, tradições e valores desses povos. O silêncio imposto pelo discurso do poder, conferiu-lhes, durante muito tempo, a subalternidade velada, e, em alguns momentos, disfarçada. Entretanto, como afirma Eduard Said (2011), após o suposto fim do imperialismo, textos teóricos e literários, denominados Pós-coloniais, ganham força e passam a expressar a voz das nações subjugadas.

*Monkey Beach* evidencia, portanto, essa voz através de estratégias como a mímica, a civilidade dissimulada, a presença parcial, a ab-rogação e a apropriação que são responsáveis por produzir uma reação discursiva contra o aparelho opressor, possibilitando na escrita literária um espaço para a subjetivação do sujeito subalterno. O enunciador se utiliza desses elementos estéticos para desconstruir o discurso do poder e, portanto, instituir um contra discurso reacionário, que além de denunciar os abusos da opressão colonial, faz reviver aspectos da cultura autóctone, colocando-a, muitas vezes, em uma posição privilegiada.

Discurso tradicional e contra discurso se delineiam no romance *Monkey Beach*, possivelmente com o intuito de mostrar os diálogos e conflitos na busca pelo poder de voz, caracterizando a obra como uma escrita da resistência. O poder do colonizador de criar e difundir estereótipos depreciativos vem perdendo espaço através de escritas que os desconstroem, que possibilitam um novo olhar direcionado aos povos caracterizados pela diferença cultural. Quem enuncia é esse sujeito, que reclama para si o seu direito a essa diferença, que lhe confere autenticidade e legitimidade. Essa característica pode ser observada em muitos textos pós-coloniais, abrindo espaço para se repensar e discutir as relações de poder e resistência inerentes ao contexto contemporâneo, em culturas atravessadas pela colonização.

## REFERÊNCIAS

- ANDREWS, Jennifer. *Native Canadian Gothic Refigured: Reading Eden Robinson's Monkey Beach*. *Essays on Canadian Writing*, (Spring 2001); 73; ProQuest: 1-24.
- APPLEFORD, Rob. "Close, very close, a b'gwus howls": *The contingency of execution in Eden Robinson's Monkey Beach*. *Canadian Literature* 184 (Spring 2005): 85-101.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Writes Back*. 2ª edição, New York: Routledge, 2002.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myrian Ávila. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009.
- BONNICI, Thomas. *Resistência nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.
- \_\_\_\_\_, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. 2ª edição, Maringá: Eduem, 2012.
- BOWMAN-BROZ, Norah. *Shitless Family Love: Deleuzo-Guattarian creative affiliations in Eden Robinson's*. *The Canadian Journal of Native Studies*; 2009; 29, 1/2; ProQuest, pg. 127
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 2ª edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- CHURCHIL, Ward. *Kill the Indian, save the man. The genocidal impact of American Indian residential schools*. São Francisco: City Lights Books, 2004.
- CORNELL, Stephen. *The Return of the Native: American Indian Political Resurgence*. New York: Oxford University Press, 1988.
- DOBSON, Kit. *Indigeneity and diversity in Eden Robinson's work*. *Canadian Literature*. 201 (Summer 2009): p. 54.
- EMBERLEY, Julia. *Defamiliarizing the Aboriginal: Cultural practices and decolonization in Canada*. Toronto: University of Toronto, 2009.
- FOUCAULT, Michael. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed, Loyola, São Paulo, 1999.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma Poética da Diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

- GOLDMANN, Lucien. *A Sociologia do Romance*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- GREEN, Jacquie. *Haisla Nuuyum: cultural conervation and regulation methods within traditional fishing and hunting*. Decolonization: Indigeneity, Education and Society, vol.2, nº2, pp. 57-82, 2013.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A,1999.
- \_\_\_\_\_, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- LADNER, Kiera L. *Visions of Neo-Colonialism? Renewing the Relationship with Aboriginal Peoples*. The Canadian Journal of Native Studies XXI (2001): 105-35.
- McPHERSON, Shelley. *Native Policy Making in North America: The unresolved conflict between economic desire and political idealism*. Department of Political Science McGill University, Montreal, 1991.
- MOORE, Gerard Joshua. *Contacting the dead: Echoes from the Haisla diaspora in Eden Robinson's Monkey Beach*. Department of English, Film and Theatre, University of Manitoba, Winnipeg, 2011.
- MRAK, Anja. *Trauma and Memory in Magical Realism: Eden Robinson's Monkey Beach as Trauma Narrative*. Politics of Memory, nº 2, ano 3, 2013.
- ROBINSON, Eden. *Monkey Beach*. Toronto: Knopf, Canada, 2000.
- \_\_\_\_\_, Eden. *The Sasquatch at Home: traditional protocols and modern storytelling*. The University of Alberta Press, Canada, 2001.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Tradução: Denise Bottamann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_, Edward. *Cultura e Política*. Tradução: Luiz Bernardo Pericás. 1 ed, rev., São Paulo: Boitempo, 2012.
- SANTINAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural*. 2 ed, Rio de Janeiro, editora Rocco, 2000.
- SANTOS FILHO, José Jacinto. *O Espaço na Narrativa Literária e Fílmica em O Beijo da Mulher Aranha*. Recife: editora UFPE, 2009.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- TIFFIN, Helen. Post-colonial Literature and Counter Discourse. In: ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Post-Colonial Studies Readers*. 1ª edição. Londres: Routledge, 1995.
- TENNANT, Paul. *Aboriginal Peoples and Politics: the Indian land question in British Columbia, 1849-1989*. University of British Columbia Press, Vancouver,1990.
- TODOROV, Tzevetan. *A Literatura em Perigo*. Rio de Janeiro. DIFEL, 2009.

WESTPHALEN, Flávia Carpes. *Survivance: A sobrevivência nas literaturas indígenas do Canadá e do Brasil*. 2007. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007